

Paleografia versus Alfabetização. Reflexões sobre História Social da Cultura Escrita

DOI: <http://dx.doi.org/10.17074/lh.v2i1.324>

*Paleografía versus Alfabetización.
Reflexiones sobre Historia Social de la Cultura Escrita*^{1/2}

Antonio Castillo Gómez
Universidade de Alcalá

Carlos Sáez[†]
Universidade de Alcalá

Negli ultimi tempi la paleografia ha conosciuto un successo e una diffusione impensabili: quella che fino a pochi anni fa era ancora spesso considerata «disciplina ausiliaria della storia» è oggi protagonista indiscussa di dibattiti, convegni, storie della letteratura, antologie, riviste scientifiche e divulgative^{3/4}.

Liberada das velhas ancoragens que a mantinham apegada ao discurso erudito sob o qual nasceu, a Paleografia se erige a partir dos anos sessenta como um saber indispensável para qualquer elaboração científica sobre a história da cultura escrita. Como afirmara Armando Petrucci, embora seja possível uma Paleografia sem história da cultura escrita, esta não pode ser construída à margem da primeira⁵.

¹ [NT] O texto *Paleografía versus Alfabetización. Reflexões sobre História Social da Cultura Escrita*, de Antonio Castillo Gómez e Carlos Sáez, foi originalmente publicado em espanhol no primeiro número da revista SIGNO (Revista de Historia de la Cultura Escrita), da Universidade de Alcalá de Henares, 1994, pp. 133-168, com o título *Paleografía versus Alfabetización. Reflexiones sobre Historia Social de la Cultura Escrita*. A tradução ao português que ora apresentamos foi elaborada por Leonardo Lennertz Marcotulio (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e Adriana Angelita da Conceição (Universidade Federal do Amazonas). Agradecemos ao professor Antonio Castillo Gómez, autor do texto, à senhora María Jesús Contreras, viúva do professor Carlos Sáez, e à senhora María del Val Blanco Fernández, responsável pelo Setor de Publicações da Universidade de Alcalá de Henares, pela autorização para que este trabalho fosse realizado. Na versão original, algumas citações e notas estão em outras línguas diferentes do espanhol. Decidimos, aqui, manter a forma original no texto e oferecer ao leitor a tradução ao português dessas passagens em nota. Todas as intervenções realizadas pelos tradutores estão sinalizadas como *notas dos tradutores* [NT]. Igualmente queremos deixar registrado o nosso agradecimento ao professor Sandro Marcio Drumond Alves Marengo, pelo auxílio com a tradução das passagens em italiano, e à professora Juliana Gesuelli Meirelles, pela leitura atenta da tradução elaborada e pelas sugestões oferecidas.

² Siglas utilizadas: ACS: Alfabetismo e Cultura Scritta; AEM: Anuario de Estudios Medievales; ANABAD: Asociación Española de Archiveros, Bibliotecarios, Museólogos y Documentalistas; BAPI: Bullettino dell' "Archivio Paleografico Italiano"; CP: Cuadernos de Pedagogía; Notizie: Notizie del seminario permanente Alfabetismo e cultura scritta; PP: Past and Present; QS: Quaderni Storici; RE: Revista de Educación; RFHL: Revue Française d'Histoire du Livre; RHMC: Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine; SM: Studi Medievali.

³ Fabio TRONCARELLI, *Paleografía selvaggia*, "ACS", Nuova serie, 1 (1988), pp. 29.

⁴ [NT] Tradução: Nos últimos tempos, a paleografia conheceu um sucesso e uma difusão impensáveis: aquela ciência que até poucos anos atrás ainda era, muitas vezes, considerada "disciplina auxiliar da história" é agora protagonista indiscutível de palestras, conferências, histórias literárias, antologias, revistas científicas e de divulgação.

⁵ Nestes termos se expressou na conferência, ainda inédita, que pronunciou em Madri no dia 28 de junho de 1991 dentro do curso *Documentos y escrituras medievales en la Península Ibérica: Estado de la cuestión*, ocorrido no Ministério da Cultura.

Por esta ótica, a Paleografia já não é somente e simplesmente a *ciência que estuda as escrituras antigas*, mas uma renovada disciplina que se propõe ao estudo global da história dos usos e práticas da escrita. Portanto, é a história dos signos gráficos, mas também da função e extensão social dos mesmos. É, de igual forma, a história do livro e da leitura, assim como das formas de produção e conservação da «memória do saber»⁶.

Em certo sentido, poderíamos dizer que a Paleografia é uma disciplina cujos métodos e ferramentas resultam necessários para uma compreensão mais enriquecedora e profunda do significado histórico-social da produção escrita, o que Virgílio de Toulouse chamou de a «alma da escritura»⁷. Certamente, sem renunciar ao diálogo científico com outras disciplinas, tão necessário quanto produtivo.

Como consequência, esta reflexão sobre o fazer paleográfico é concebida sem perder de vista o referente metodológico da interdisciplinaridade, ao que expressamente faz alusão Antonio Viñao, quando reflete sobre o presente e futuro da história da alfabetização⁸. Traçaremos um breve percurso pela evolução histórica da disciplina para chegar ao momento em que se discutem com mais consistência as deficiências do método tradicional e se perfilam os novos usos paleográficos, incidindo na função da escritura e nas intrínsecas relações entre esta e a sociedade, aprofundando assim nas ideias antecipadas nos anos trinta pelo húngaro István Hajnal.

Escritura e sociedade: balanço historiográfico

Tratar das relações históricas entre a sociedade e a escritura ou a leitura, os dois componentes que definem o alfabetismo, é fazer o que no âmbito anglo-saxônico se costuma chamar *literacy* e na Itália – por não encontrar uma só palavra com a qual traduzir o termo – *alfabetismo e cultura scritta*.

Tal conceito foi definido por Attilio Bartoli Langeli, um dos seus principais impulsores junto a Armando Petrucci, como o estudo de todos os usos ativos e passivos da escritura, a extensão quantitativa dos mesmos, a análise dos conteúdos culturais e ideológicos transmitidos e difundidos mediante a escritura ou o grau de prestígio social alcançado em cada momento pelas pessoas alfabetizadas e sobretudo por aqueles que se dedicam profissionalmente à escritura⁹.

A inquietação historiográfica pelo estudo da escritura a partir de uma perspectiva social teve sua estreia na década dos anos sessenta com a publicação das primícias científicas de antropólogos e historiadores, preocupados pelas transformações culturais ocasionadas com a introdução da escritura e a quantificação da extensão social das capacidades de ler e escrever no Antigo Regime. Paralelamente, inclusive se poderia dizer que anos antes, deram seus primeiros frutos as sementes plantadas ao longo da primeira metade do século [XX] em relação ao estudo da escritura em seu contexto histórico e social, surgindo então a renovação do método paleográfico e sua orientação *versus* o alfabetismo e a cultura escrita.

Tais antecedentes podem ser rastreados na obra de Scipione Maffei, *Istoria diplomatica che serve d'introduzione all'arte critica* (Mantua, 1727). Nela se define a Paleografia como «história da escritura», ainda que sua insuficiente teorização tenha feito da mesma, segundo Alessandro Pratesi, uma «geniale ma ancora umbratile intuizione»^{10/11}.

Seus postulados não tiveram demasiado êxito nem naquela época tampouco no século seguinte, uma época na qual se venerou o documento e inclusive diante de um de seus suportes materiais – o pergaminho – se professou uma certa fascinação, sem que semelhante estrelismo redundasse em uma prática científico-acadêmica tendente ao desenvolvimento de teorias que significassem a interpretação e valorização da escritura e dos

⁶ *La memoria del sapere. Forme di conservazione e strutture organizzative dall'Antichità a oggi*, editado por Pietro Rossi, Roma-Bari, Laterza-Seat, 1988.

⁷ “Como o homem é feito de um corpo e de um espírito, e quase de um fogo celestial, assim as letras alfabéticas têm um corpo que é a figura e uma alma que é o significado”, em *Virgilio Maronis Epilomae*, XIII. *De scinderatione fonorum*, II. *De litera*, Lípsia, 1886. Citado por Elisa RUIZ. *Hacia una semiología de la escritura*, Madri, Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1992, p. 259.

⁸ *Alfabetización y alfabetizaciones*, em *Leer y escribir en España. Doscientos años de alfabetización*, dirigido por Agustín Escolano, Madri, Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1992, pp. 385-386.

⁹ Attilio BARTOLI LANGELI, *Intervento di apertura*, em *Alfabetismo e cultura scritta nella storia della società italiana*, Atti del Seminario tenutosi a Perugia il 29-30 marzo 1977, Perugia, Università degli Studi, 1978, p. 28.

¹⁰ *Uno sguardo al passato per affacciarsi al futuro*, em *Un secolo di Paleografia e Diplomatica (1887-1986). Per il centenario dell'Istituto di Paleografia dell'Università di Roma*, editado por Armando Petrucci e Alessandro Pratesi, Roma, Gela editrice, 1988, p. XIV.

¹¹ [NT] Tradução: «instituição brilhante, mas ainda sombria».

documentos por si mesmos, para além da limitada leitura de tipo informativo exercida usualmente pelos historiadores. Pelo contrário, a Paleografia e a Diplomática se mantiveram como disciplinas auxiliares da história, ciências instrumentais ao serviço do fazer histórico.

Pouco depois, no marco da Europa de entre-guerras e contemporaneamente ao nascimento dos *Annales*, tais ideias começaram a ter maior consistência. Primeiro foi o alemão Ludwig Traube, *verbi gratia* destacado representante da *historische Paläographie*, isto é, do estudo da escritura enquanto atividade humana e, portanto, como um aspecto não secundário da história da cultura¹². Logo, sem esquecer as contribuições de autores como Luigi Schiaparelli, Jean Mallon e a escola franco-belga, Giulio Battelli ou Giorgio Cencetti¹³, assistiu-se ao nascimento das teorias de István Hajnal sobre o papel social da escritura, esboçadas em *Le rôle sociale de l'écriture et l'évolution européenne* (1934)¹⁴, consideradas novamente em *Universities and the development of writing in the XIIth-XIIIth centuries*¹⁵, e expostas com mais clareza em sua fundamental *L'enseignement de l'écriture aux Universités médiévales* (Budapest, 1959)¹⁶.

As reflexões do paleógrafo húngaro – cuja obra foi qualificada por Armando Petrucci como verdadeira e própria antecipação no desenvolvimento de uma história da escritura que privilegie o aspecto das relações entre este instrumento de expressão e a sociedade contemporânea¹⁷ –, coetâneas a outras não menos relevantes de Charles Higounet¹⁸, refletem um discurso mais elaborado da teoria e história da escritura indissociável do contexto social que a produz:

L'écriture n'est pas un facteur isolé et unique du progrès; après son apparition elle peut avoir un avenir tout différent dans les diverses civilisations. Et pourtant nous ne pouvons la considérer simplement comme un moyen passif, accessoire, dont disposent les forces du progrès lorsque le moment de son utilisation est venu. L'écriture, tout come les autres formes de civilisation, est un moyen né de l'ensemble de la société: son avenir dépend du caractère systématique de sa pénétration dans la société.^{19/20}

L'écriture est non seulement un procédé destiné a fixer la parole, un moyen d'expression permanent, mais elle donne aussi directement accès au monde des idées; elle reproduit bien le langage articulé, mais elle permet encore d'appréhender la pensée et de lui faire traverser l'espace et le temps; c'est le fait social qui est la base même de notre civilisation.^{21/22}

Junto a essas reflexões, nos anos cinquenta teve lugar uma febril atividade intelectual – personalizada em linguistas da importância de V. A. Istrin e Marcel Cohen, autor da monumental *La grande invention de l'écriture et son évolution* (Paris, 1958), paleógrafos como o mencionado Hajnal ou os historiadores Aleksander Gieysztor e

¹² *Ibidem*, p. XV. Sobre a escola alemã e a figura de Traube conferir Johanne AUTENRIETH, *Die Münchener Schule: Ludwig Traube (1861-1907) - Paul Lehmann (1884-1964) - Bernhard Bischoff (1906)*, em *Un secolo di Paleografia...*, pp. 99-130, especialmente 101-112.

¹³ Além do artigo citado de Alessandro Pratesi, as análises da contribuição do desenvolvimento científico da Paleografia por uns e outros autores pode ser conferida na leitura dos diversos trabalhos incluídos em *Un secolo di Paleografia...* Mais relacionados aos paleógrafos e às escolas mencionadas são os de Armando PETRUCCI, *La Paleografia latina in Italia dalla scuola positiva al secondo dopoguerra*, pp. 21-35; Paola SUPINO MARTINI, *La Paleografia latina in Italia da Giorgio Cencetti ai giorni nostri*, pp. 37-80; e Denis MUZERELLE, *Un siècle de paléographie latine en France*, pp. 131-158.

¹⁴ «Revue de l'Institut de Sociologie Solvay», XIV (Bruxelas: 1934), pp. 25-53.

¹⁵ «Scriptorium», VI (1952), pp. 177-195.

¹⁶ István HAJNAL. *L'enseignement de l'écriture aux Universités médiévales*, Budapest, Maison d'Édition de l'Académie des Sciences de Hongrie, 1959 (2ª edição Revista, corrigida e aumentada com os manuscritos póstumos do autor com um álbum fac-símile para Laszlo Mezey), p. 9.

¹⁷ *Funzione delta scrittura e terminologia paleografica*, em *Palaeographica, Diplomatica et Archivistica. Studi in onore di Giulio Battelli*, I, Roma, Edizione di Storia e Letteratura, 1979, p. 4.

¹⁸ *L'écriture*, Paris, P.U.F., 1955.

¹⁹ I. HAJNAL. *L'enseignement*, p. 9.

²⁰ [NT] Tradução: A escrita não é um fator isolado e singular de progresso; após o seu aparecimento pode ter um futuro muito diferente em diversas civilizações. E, portanto, não podemos considerá-la simplesmente como um meio passivo, acessório, de quem dispõem as forças do progresso, quando chegou o momento de sua utilização. A escritura, como todas as outras formas de civilização, não é um meio de unir toda a sociedade: o seu futuro depende da natureza sistemática de sua penetração na sociedade.

²¹ Ch. HIGOUNET, *L'écriture*, p. 6. Citado por A. BARTOLI LANGELI, *Intervento di apertura*, p. 14.

²² [NT] Tradução: A escrita não é só um procedimento destinado a fixar a palavra, um meio de expressão permanente, mas também dá acesso diretamente ao mundo das ideias; ela reproduz bem a linguagem articulada, mas ainda permite apreender o pensamento e levá-la através do espaço e do tempo; este é o fato social que é a base da nossa civilização.

Sigismund Jakó – sobre o significado das relações, estreitas e interdependentes, entre a sociedade e um de seus produtos materiais, a escritura²³.

Nos anos sessenta tornam-se mais nítidas as perspectivas abertas nas décadas anteriores e terminam dando origem a uma rica corrente de investigação que tem na escritura e no alfabetismo dois polos de referência²⁴.

Harvey J. Graff, um dos principais historiadores da alfabetização, distinguiu duas gerações desde então até meados dos anos oitenta, quando certas mudanças faziam pressagiar o nascimento de uma terceira²⁵. No entanto, o balanço que este autor realiza não leva em consideração a bibliografia paleográfica, cujos primeiros frutos *versus* o alfabetismo se deram paralelamente ao desenvolvimento historiográfico que ele traça.

Com o antecedente próximo das obras de M. Fleury e P. Valmary²⁶, o nascimento da historiografia da alfabetização tem lugar, segundo Graff, com a publicação das primeiras obras de Lawrence Stone²⁷, Carlo Maria Cipolla²⁸, Jack Goody²⁹ ou Roger S. Schofield³⁰, nas que formulam a história do alfabetismo como finalidade científica, estabelecem as primeiras séries cronológicas da difusão do alfabetismo, identificam as fontes necessárias para o seu estudo, principalmente as de tipo quantitativo, iniciam o caminho dos estudos comparativos a partir da variável da assinatura e se pensam, às vezes de forma especulativa, os fatores mais decisivos e suas consequências cognitivas e sociais. Mas também nascem nesse momento algumas interpretações um tanto unívocas dos processos da alfabetização que logo se revelaram insuficientes e inadequadas, como a identificação entre a alfabetização e o desenvolvimento socioeconômico ou político, o chamado «mito da alfabetização».

Completa-se esta primeira etapa com a coetânea aparição de importantes estudos sobre a história social do livro e da leitura, segundo se desprende de algumas publicações coletivas e das obras de Henri-Jean Martin³¹, continuando os caminhos abertos no final dos anos cinquenta pelo próprio Martin e Lucien Febvre^{32/33}.

²³ As contribuições destes autores foram comentadas e valorizadas por A. PETRUCCI, *Storia della scrittura e della società*, em «ACS», nuova serie, 2 (1989), pp. 47-63, agora em *Storia della scrittura e storia della società*, «AEM», 21 (1991), pp. 309-312. Tal artigo corresponde ao texto da conferência apresentada no III *Curso de Estudios Bennassal-Castelló* (junho de 1986). Citamos pela publicação espanhola considerando sua maior acessibilidade.

²⁴ «Nell'ambito della storia delle scritture, e in particolare della storia della scrittura latina, esiste da tempo un filone di ricerca che tende a porre in rilievo e a fare oggetto della propria indagine i rapporti intercorrenti in diverse situazioni storiche fra i sistemi di scrittura, le forme grafiche e i processi di produzione di testimonianze scritte da un lato, e le strutture socio-economiche delle società che elaborano, adoperano e manipolano tali prodotti culturali dall'altro», A. PETRUCCI, *Storia della scrittura*, p. 310. [NT] Tradução: «No âmbito da história das escritas, e em particular da história da escrita Latina, há a algum tempo uma linha de pesquisa que tende a realçar e a fazer objeto da sua investigação as relações intercorrentes em diferentes situações históricas entre os sistemas de escrita, as formas gráficas e os processos de produção dos testemunhos escritos por um lado, e as estruturas socioeconômicas das sociedades que elaboram, usam e manipulam tais produtos culturais dos outros», A. PETRUCCI, *Storia della scrittura*, p. 310.

²⁵ Harvey J. GRAFF, *Gli studi di storia dell'alfabetizzazione: verso la terza generazione*, «QS», ano XXII, 64/1 (1987), pp. 203-222, antes em «Interchange», 17/2 (1986), pp. 122-134.

²⁶ *Les progrès de l'instruction élémentaire de Louis XIV à Napoleon III d'après l'enquête de Louis Maggiolo (1877-1879)*, «Population», 12 (1957), pp. 71-92.

²⁷ *The educational revolution in England. 1560-1640*, «PP», 28 (1964), pp. 41-80 e *Literacy and education in England. 1640-1900*, «PP», 42 (1969), pp. 69-139.

²⁸ *Literacy and development in the west*, Harmondsworth, Penguin, 1969 [*Educación y desarrollo en Occidente*, Barcelona, Ariel, 1970].

²⁹ Jack GOODY e Ian WATT, *The consequences of literacy*, «Comparative Studies in Society and History», 5 (1963), pp. 304-345, também em *Literacy in traditional societies*, edição Jack Goody, Cambridge, Cambridge University Press, 1968, onde ademais escreve a *Introduction* (pp. 1-26) e o capítulo *Restricted literacy in Northern Ghana* (pp. 198-264).

³⁰ *The measurement of literacy in pre-industrial England*, em *Literacy in traditional*, pp. 311-325.

³¹ *Livre et société dans la France du XVIII^e siècle*, edição de F. Furet, Paris-La Huye, 1965-1970, 2 tomos; Henri-Jean MARTIN. *Livre, pouvoirs et société à Paris au XVII^e siècle (1598-1701)*, Paris-Gênova, Droz, 1969, 2 vols; IDEM. *Le livre et la civilisation écrite*, Paris, École Nationale Supérieure de Bibliothèques, 1968-1970, 3 tomos.

³² *L'apparition du livre*, Paris, Albin Michel, 1958.

³³ [NT] Edição brasileira: FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. *O aparecimento do livro*. Trad. Fulvia M. L. Moretto e Guacira Marcondes Machado. São Paulo: Ed. da UNESP, 1999.

A esta primeira geração sucede outra de tipo mais globalizante e especulativo da qual fazem parte Egil Johansson³⁴, Kennet A. Lockridge³⁵, Furet, Sachs e Ozouf³⁶, Michael T. Clanchy³⁷, David Cressy³⁸, L. Soltow e E. Stevens³⁹, Rab Houston⁴⁰ e Graff⁴¹, mais as novas obras de Goody^{42/43} e Schofield⁴⁴.

As contribuições desta segunda geração se resumem no maior aproveitamento das séries quantitativas, na complexidade dos processos da alfabetização, na importância atribuída à contextualização dos mesmos, no reconhecimento dos fatores ideológico-culturais e sua influência na conformação de diversos modelos históricos de alfabetização, na investigação dos usos do alfabetismo, tanto em suas realizações práticas – escritura e leitura – quanto em seus efeitos psicológicos, assim como no aprofundamento no discurso teórico e metodológico, sinalizando as contradições e dificuldades da história da alfabetização, a importância dos estudos comparativos e as limitações do quantitativismo.

Ademais, tudo isso se viu favorecido pelo desenvolvimento paralelo da nova história do livro e da leitura, relacionada com *Annales*, que a situa entre os «nouveaux objects» de seu *Faire de l'histoire* (1974)⁴⁵. São muitos os historiadores franceses do livro, da imprensa ou da leitura, alguns também com incursões na história da educação,

³⁴ *The history of literacy in Sweden, in comparison with some other countries*, «Educational Reports Umeå», XII (1977), pp. 2-42 e *The history of literacy in Sweden*, em *Literacy and social development in the west*, edição de Harvey J. Graff, Cambridge, Cambridge University Press, 1981, pp. 151-182 [tradução italiana: *Alfabetizzazione e sviluppo sociale in Occidente*, editado por H. J. Graff, Bolonha, il Mulino, 1986, pp. 207-240].

³⁵ *Literacy in colonial New England: An enquiry into the social context of literacy in the early modern west*, Nova Iorque, Norton, 1974 e *L'alphabétisation en Amérique, 1650-1800*, «Annales», XXXII (1977), pp. 503-518 [*Istruzione nell'America delle origini (1650-1800)*, em *Alfabetizzazione e sviluppo sociale*, pp. 241-262].

³⁶ François FURET e Wladimir SACHS, *La croissance de l'alphabétisation en France, XVIII^e-XIX^e siècle*, «Annales», XXIX (1974), pp. 714-737; F. FURET e J. OZOUF. *Lire et écrire. L'alphabétisation des français de Calvin à Jules Ferry*, Paris, Les Editions de Minuit, 1977, 2 tomos (autores do primeiro e diretores do segundo); IDEM, *Trois siècles de métissage culturel*, «Annales», XXXII (1977), pp. 488- 502 [*Tre secoli di transizione culturale: la Francia*, em *Alfabetizzazione e sviluppo sociale*, pp. 281-301].

³⁷ *From memory to written record. England, 1066-1307*, Londres, Edward Arnold, 1979; «Litteratus» e «illitteratus» em *Inghilterra tra il 1066 e il 1307*, em *Alfabetizzazione e sviluppo sociale...*, pp. 23-62.

³⁸ *Levels of illiteracy in England, 1530-1730*, «Historical Journal», XX (1977), pp. 1-23, agora em *Alfabetizzazione e sviluppo sociale...*, pp. 147-172; *Literacy and social order. Reading and writing in Tudor and Stuart England*, Cambridge, Cambridge University Press, 1980.

³⁹ *The rise of literacy and the common school in the United States*, Chicago, University of Chicago Press, 1981.

⁴⁰ *Literacy and society in the west, 1500-1850*, em «Social History», VIII (1983), pp. 269-293, agora também em *Istruzione, alfabetismo, scrittura. Saggi di storia dell'alfabetizzazione in Italia (sec. XV-XIX)*, editado por A. Bartoli Langeli e Xenio Toscani, Milão, Franco Angeli, 1991, pp. 13-60; *Scottish literacy and scottish identity. Illiteracy and society in Scotland and Northern England, 1600-1800*, Cambridge, Cambridge University Press, 1985; e *Literacy in early modern Europe, 1500-1800*, Londres, Longman, 1988.

⁴¹ *Literacy past and present: Critical approaches to the literacy society relationships*, «Interchange», 9 (1978), pp. 1-21; *The literacy myth: Literacy and social structure in the nineteenth-century city*, Nova Iorque-Londres, Academic Press, 1979; *Literacy in history: An interdisciplinary research bibliography*, Chicago, The Newberry Library, 1976 (edição revisada, Nova Iorque, Garland, 1981); *On Literacy in the Renaissance: Review and reflections*, «History of Education», XII/2 (1983), pp. 69-85. Ademais por essas datas aparece *Literacy and social development [Alfabetizzazione e sviluppo sociale]*, composta por colaborações da maior parte dos autores que formam esta segunda geração. Obras posteriores de GRAFF são *The legacies of literacy: Continuities and contradictions in western culture and society*, Bloomington-Indianapolis, Indiana University Press, 1987 [*Storia dell'alfabetizzazione occidentale*, Bolonha, il Mulino, 1989, 3 tomos] e *El legado de la alfabetización: constantes y contradicciones en la sociedad y la cultura occidentales*, «RE», 288 (1989), pp. 7-34. Este último texto é uma versão com algumas variações da introdução de *The legacies of literacy*.

⁴² *The domestication of the savage mind*, Cambridge, Cambridge University Press, 1977 [*La domesticación del pensamiento salvaje*, Madrid, Akal, 1985] e *The logic of writing the organization of society*, Cambridge University Press, 1986 [*La lógica de la escritura y la organización de la sociedad*, Madrid, Alianza Editorial, 1990].

⁴³ [NT] Edição brasileira: GOODY, Jack. *A domesticação da mente selvagem*. Tradução: Vera Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2012. Edição portuguesa: GOODY, Jack. *A lógica da escrita e a organização da sociedade*. Tradução: Teresa Peres. Lisboa: Edições 70, 1986.

⁴⁴ *The dimensions of illiteracy, 1750-1850*, «Explorations in Economic History», 10 (1973), pp. 437- 454.

⁴⁵ Roger CHARTIER e Daniel ROCHE, *Le livre: un changement de perspective*, em *Faire l'Histoire*, III. *Nouveaux objets*, edição Jacques Le Goff e Pierre Nora, Paris, 1974, pp. 115-137 [*El libro. Un cambio de perspectiva*, em *Hacer la historia*, III. *Objetos nuevos*, Barcelona, Laia, 1980, pp. 119-140]. Conferir também, de Chartier e Nora, *L'histoire quantitative du livre*, «RFHL», 16 (1977), pp. 477-501 e de D. ROCHE, *Le monde de l'écrit et du lire, quelques réflexions*, em *Sulle vie della scrittura. Alfabetizzazione, cultura scritta e istituzioni in età moderna*, Atti del Convegno di Studi del Centro Studf "Antonio Genovesi" per la Storia Economica e Sociale (Salerno, 10-12 março 1987), editado por Maria Rosaria Pelizzari, Nápoles, Pubblicazioni dell'Università degli Studi di Salerno, 1989, pp. 631-642.

que poderíamos mencionar, pelo que nos limitaremos a destacar os mais importantes: Martin⁴⁶, Chartier, Compere e Dominique Julià^{47/48}, Hébrard⁴⁹, Jacques Queniat⁵⁰, R. Mandrou⁵¹, R. Muchembled⁵² ou Natalie Zemon Davis⁵³.

Fora do âmbito francês, mas em estreita relação com dita temática, está a inovadora e controvertida investigação de Elizabeth Eisenstein sobre os efeitos da imprensa no pensamento⁵⁴ e as diversas publicações de Peter Burke sobre a cultura das classes populares^{55/56}.

Constituída a história da alfabetização, sob seus múltiplos e convergentes enfoques, em uma dinâmica corrente historiográfica, ao final dos anos setenta e princípio dos anos oitenta alcançou uma maior projeção acadêmica fora dos tradicionais círculos anglo-saxão e francês.

Na Itália sua difusão supôs a continuação em relação aos pilares estabelecidos nos anos sessenta por Armando Petrucci. Agora conseguirá, no entanto, conquistar o interesse de um número mais amplo de pessoas e disciplinas.

⁴⁶ Henri-Jean MARTIN e M. LECOQ. *Livres et lecteurs à Grenoble. Les registres du librairie Nicolas (1645-1668)*, Gênova, Droz, 1977, 2 vols.; H.-J. MARTIN, *Culture écrite et culture orale, culture savante et culture populaire dans la France d'Ancien Régime*, «Journal des Savants», 1975, pp. 225-284; *Pour une histoire du livre*, «RFHL», 16 (1977), pp. 583-609 e «Debats», nov. 1982, pp. 160-177; e especialmente *Le livre français sous l'Ancien Régime*, Paris, Promodis, 1987, recopilação de muitos de seus trabalhos anteriores. Ainda a monumental *Histoire de l'édition française*, dirigida por R. Chartier, H.-J. Martin e J.P. Vivet, Paris, Promodis, 1983-1986, 4 vols. Também se ocupou mais especificamente da história da escritura em *Histoire et pouvoirs de l'écrit*, com a colaboração de Bruno Delmas, Paris, Librairie Académique Perrin, 1988.

⁴⁷ R. CHARTIER, M. M. COMPERE e D. JULIA. *L'éducation en France du XVI^e au XVIII^e siècle*, Paris, Sedes, 1976. De M.M. COMPERE, *École et alphabétisation en Languedoc*, em *Lire et écrire*, II, pp. 43-100. De D. JULIA, *Aprendizaje de la lectura en la Francia del Antiguo Régimen*, «RE», 288 (1989), pp. 105-120. De CHARTIER e J. HEBRARD. *Discours sur la lecture (1880-1980)*, Paris, Centre Georges Pompidou, 1989. Roger Chartier é atualmente um dos principais representantes da história francesa do livro e da leitura. Além das obras anteriores e das citadas em notas prévias, destacamos de sua bibliografia as seguintes: *La circulation de l'écrit dans les villes françaises, 1500-1700*, em *Livre et lecture en Espagne et en France sous l'Ancien Régime*, Colloque de la Casa de Velazquez (17-19 de novembro de 1980), Paris, Editions A.D.P.F., 1981, pp. 151-157; *L'Ancien Régime typographique: Reflexions sur quelques travaux récents*, «Annales», XXXVI/2 (1981), pp. 191-209; *Lectures et lecteurs dans la France d'Ancien Régime*, Paris, Editions du Seuil, 1982 [*Libros, lecturas y lectores en la Edad Moderna*, Madri, Alianza Editorial, 1993, com alguns trabalhos]; *Las prácticas de lo escrito*, em *Historia de la vida privada*. 5. *El proceso de cambio en la sociedad de los siglos XVI-XVIII*, dirigida por Philippe Ariès y Georges Duby, Madri, Taurus, 1991 (edição original, Paris, Éditions du Seuil, 1985), pp. 113-161. Além da citada *Histoire de l'édition française* dirigiu e colaborou em *Pratiques de la lecture*, Marselha, Rivages, 1985 e *Les usages de l'imprimé (XV^e-XIX^e siècles)*, Paris, Fayard, 1987. Finalmente *El mundo como representación. Estudios sobre historia cultural*, Barcelona, Gedisa, 1992, recompilação de artigos publicados entre 1982 e 1990 mais um inédito, de grande interesse para se conhecer as teses de Chartier sobre a «história cultural do social» e as representações e práticas culturais.

⁴⁸ [NT] O artigo *O mundo como representação*, tradução do original em francês (*Annales*, novembro-dezembro, 1989, número 6, pp. 1505-1520), foi publicado no Brasil pelo periódico *Estudos Avançados* {11 (5), 1991, pp. 173-191 – tradução de Andréa Daher e Zenir Campos Reis}. A produção bibliográfica de Roger Chartier sobre a temática do texto que estamos traduzindo, editada no Brasil, é imensamente vasta, apenas como exemplo citamos: *CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução: Maria Manuela Galhardo. São Paulo: Difel, 1988; CHARTIER, Roger (org.). *Práticas de leitura*. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996; *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad. Reginaldo Carmello C. de Moraes São Paulo: Ed. UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999; *Os desafios da escrita*. Trad. Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Ed. UNESP, 2002; *Inscrever e Apagar. Cultura Escrita e Literatura*. Trad. Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Ed. UNESP, 2007.

⁴⁹ *La escolarización de los saberes elementales en la Época Moderna*, «RE», 288 (1989), pp. 63-104, além da obra escrita com R. Chartier citada na nota anterior. [NT] Neste caso, trata-se da nota 47.

⁵⁰ *Les apprentissages scolaires élémentaires au XVIII^e siècle: Faut-il réformer Maggiolo?*, «RHMC», XXIV (1977), pp. 3-27; *Culture et société urbaines dans la France de l'Ouest au XVIII^e siècle*, Paris, 1978 (tese defendida em 1975).

⁵¹ *De la culture populaire aux 17^e et 18^e. La bibliothèque bleue de Troyes*, Paris, 1964.

⁵² *Culture populaire et culture des élites dans la France Moderne (XV^e-XVIII^e siècles)*, Paris, Flammarion, 1978.

⁵³ *Society and culture in Early Modern France*, Stanford, Stanford University Press, 1975 [*Sociedad y cultura en la Francia Moderna*, Barcelona, Crítica, 1993, especialmente o capítulo «La imprenta y el pueblo», pp. 186-224. A edição castelhana inclui dois capítulos que não estavam na original inglesa].

⁵⁴ *Some conjectures about the impact of printing on western society and thought: A preliminary report*, «Journal of Modern History», XL (1968), pp. 7-29 e em *L'impatto della stampa sulla società e il pensiero moderni*, em *Alfabetizzazione e sviluppo sociale*, pp. 73-97; *L'avenement de l'imprimerie et la Réforme*, «Annales», 1971, pp. 1355-1382; *The advent of printing and the problem of the Renaissance*, «PP», XLV (1969), pp. 18-89; *The printing press as an agent of change: communications and cultural transformations in early modern Europe*, Cambridge, Cambridge University Press, 1979.

⁵⁵ *Popular culture in Early Modern Europe*, Londres, Temple Smith, 1978 [*La cultura popular en la Europa Moderna*, Madri, Alianza Editorial, 1991]; *The Historical Antropology of Early Modern Italy. Essays on perception and communication*, Cambridge, Cambridge University Press, 1987 [*Scene di vita quotidiana nell'Italia Moderna*, Roma-Bari, Laterza, 1988, cap. IX: «Gli usi della scrittura nell'Italia della prima Età Moderna»].

⁵⁶ [NT] Edição brasileira: BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. Tradução: Denise Bottmann. 2^o edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

O primeiro momento destacado nessa trajetória foi a celebração do seminário *Alfabetismo e cultura scritta nella storia della società italiana*⁵⁷ na cidade de Perugia, convocado por Attilio Bartoli Langeli e Armando Petrucci, com a colaboração das revistas *Scrittura e Civiltà* e *Quaderni Storici*. Especialistas de diversas disciplinas se reuniram para contrastar suas respectivas experiências e conhecimentos sobre um tema que ainda não havia tido demasiado eco na historiografia italiana: a escritura e a leitura, o alfabetismo e a alfabetização ou a produção e desfrute da cultura através da escrita, analisados no âmbito da história social, segundo explicam seus organizadores⁵⁸.

Aquele seminário não somente foi importante por seu caráter fundador e sua concepção interdisciplinar, além de ter introduzido a certos setores da Itália acadêmica no âmbito dos países mais sensibilizados com a problemática histórica da alfabetização. Do mesmo modo, deu origem a outras duas iniciativas nascidas com o mesmo espírito. Em primeiro lugar, a constituição do *Seminario permanente Alfabetismo e cultura scritta* e a convocatória bianual de reuniões para estudar as questões relacionadas com os usos e práticas da escrita. Em segundo, o lançamento de uma publicação – *Notizie* – que servisse de canal de comunicação permanente às discussões do seminário, integrada por diversas seções destinadas a adiantar as conclusões de investigações finalizadas ou em curso, levantar reflexões mais gerais de tipo teórico e metodológico, formular observações pontuais à tese de outros autores, esboçar projetos de investigação e acolher uma ampla seção de resenhas bibliográficas e notas sobre congressos, cursos e eventos similares⁵⁹.

Por outro lado, no referido ano de 1977 nasceu também outra revista relacionada com a história da cultura escrita, *Scrittura e Civiltà*, sobre a qual voltaremos mais adiante.

Se algo caracteriza a bibliografia italiana em relação ao sujeito historiográfico *alfabetismo e cultura scritta* é, em razão ao mesmo processo que lhe deu origem, a interdisciplinaridade e uma prática metodológica aberta às propostas advindas de outros âmbitos científicos, entre eles a escola francesa dos *Annales*⁶⁰. Prova contundente disto é o magno projeto editorial da *Letteratura italiana* (1982-1988), dirigido por A. Asor Rosa, tão próximo à *Historie de l'édition française*, ou, ao término desse ciclo, a publicação de um artigo de Petrucci na revista *Annales*⁶¹.

Inclusive se poderia dizer que teve uma certa fortuna acadêmica, acreditada por uma longa série de publicações assinadas, entre outros, por M. R. Duglio⁶², Franco Cardini⁶³, Duccio Balestracci⁶⁴, Daniele

⁵⁷ As atas foram publicadas um ano e meio depois no livro já citado *Alfabetismo e cultura scritta* e parcialmente no número 38 (1978) de «QS». As disciplinas representadas naquele encontro foram as seguintes: *Paleografia*: Guglielmo Cavallo, Bartoli Langeli e Armando Petrucci; *Filologia, Linguística e Etnografia da escritura*: Giorgio Raimondo Cardona, Francesco Bruni, Raffaello Simone, Gabriella Klein, Ignazio Baldelli, Domenico Parisi e Rosaria Conte; *História*: Franco Cardini, Carlo Ginzburg e Marco Ferrari; *Codicologia e História do Livro e a Edição*: Donatella Nebbiai, Amedeo Quondam; *História da Educação*: Piero Lucchi, Giuseppe Ricuperati, Marina Roggero e Jacques Ozouf.

⁵⁸ *Presentazione*, em *Alfabetismo e cultura scritta*, p. 8.

⁵⁹ De *Notizie* foram publicados 8 números desde março de 1980 até agosto de 1987. Posteriormente, diante do eco obtido pelas questões desenvolvidas nela, seus responsáveis, Bartoli Langeli e Petrucci, empreenderam a segunda etapa da revista com o nome de *Alfabetismo e cultura scritta* em um aspecto mais próprio de uma «revista "nórmale"» (n- 1, p. 5), já que até então era editada em mimeógrafo. Desta segunda etapa vieram à luz três números (1988-1991) e tudo parece indicar que tenha chegado ao seu término. Sobre esta última revista e o conteúdo dos primeiros números conferir a resenha de Antonio CASTILLO GÓMEZ em «Boletín de ANABAD», XL/2-3 (1990), pp. 269-271.

⁶⁰ Vid. José V. BOSCA CODINA, «Captar lo que una sociedad entera escribe o lee». *Un proyecto interdisciplinar*, «Taller d'Historia», 2 (1993), p. 102.

⁶¹ *Pouvoir de l'écriture, pouvoir sur l'écriture dans la Renaissance italienne*, «Annales», XLIII/4 (1988), pp. 823-847.

⁶² *Alfabetismo e società a Torino nel secolo XVIII*, «QS», 16 (1971), pp. 485-509.

⁶³ *Alfabetismo e cultura scritta nell'età comunale: alcuni problemi*, em *Alfabetismo e cultura scritta*, pp. 147-186.

⁶⁴ *I libri impegnati al Monte di Pietà senese*, «Notizie», [4] (novembro 1982), pp. 14-16; *L'alfabeto in bottega. Contributo allo studio dell'alfabetismo nel XVII secolo*, «Bolletino Storico Piacentino», LXXVII/1 (1983), pp. 240-260; *La zappa e la retorica. Memorie familiari di un contadino toscano del Quattrocento*, Florença, Libreria Salimbeni, 1984; *Le memorie degli altri. Ricordanze, libri di conti e cronache dei ceti al margine della scrittura nell'Italia medievale*, em *Cultura e società nell'Italia medievale. Studi per Paolo Brezzi*, I, Roma, Istituto Italiano per il Medio Evo, 1988, pp. 41-48.

Marchesini⁶⁵, Angelo Cicchetti e Raul Mordenti⁶⁶, Piero Lucchi⁶⁷, Xenio Toscani⁶⁸ e certos linguistas e etnógrafos⁶⁹, além de ser objeto de estudo em diferentes congressos e obras coletivas⁷⁰.

Em Portugal foi Ribeiro da Silva quem manifestou maior interesse pelo tema, apresentando em 1979 e 1983, respectivamente, dois estudos sobre os níveis de alfabetização dos funcionários administrativos e judiciais dos concelhos de Refojos de Riba d'Ave, de Maia e de Gaia na primeira metade do século XVII, aos que seguiu outro mais global sobre a alfabetização no Porto e sua região no final do século XVI e início do XVII⁷¹.

Na Espanha, a preocupação acadêmica pela história da alfabetização – sem perder de vista o referente prévio dos trabalhos de Cossío e Olóriz, Luzuriaga, Guzmán Reina, Gil Carretero, Rodríguez Garrido e Cerrolaza Asensio⁷² – se manifestou nos anos oitenta, tendo como antecedentes mais imediatos as publicações de Samaniego⁷³, Richard L. Kagan, em cuja obra *Students and society* dedica o primeiro capítulo ao ensino das primeiras letras⁷⁴, Maxime Chevalier⁷⁵ e Rodriguez e Bennassar⁷⁶. Imediatamente seguiram o mesmo caminho outros hispanistas franceses e algum investigador espanhol, cujas primícias se deram a conhecer em dois encontros celebrados no começo dos anos oitenta, um em torno ao livro e à leitura na Espanha e na França

⁶⁵ *Sposi e scolari. Sottoscrizioni matrimoniali e alfabetismo tra Sette e Ottocento*, «QS», LIII (1983), pp. 601-623; *La fatica di scrivere. Alfabetismo e sottoscrizioni matrimoniali in Emilia tra Sette e Ottocento*, em *Il catechismo e la grammatica, I. Istruzione e controllo sociale nell'area emiliana e romagnola nel'700*, editado por G. P. Brizzi, Bolonha, il Mulino, 1985, pp. 83-169; *Una città e i suoi spazi scritti: Parma, secoli XVIII-XIX*, em «Storia Urbana», X, 34 (1986), pp. 43-68; *Dalla firma alla scrittura sull'uso delle sottoscrizioni matrimoniali negli studi sull'alfabetismo*, em *Sulle vie della scrittura*, pp. 57-73; *L'analfabetismo in Italia in Età Moderna e Contemporanea (secoli XV-XX). Prime linee di una ricerca*. Conferência inédita apresentada no curso *Escribir y leer en Occidente*, ocorrida na sede da Universidad Internacional Menéndez Pelayo em Valência de 14 a 18 de julho de 1993.

⁶⁶ I «libri di famiglia»: *problemi di storiografia letteraria e di metodologia della ricerca*, Roma, 1983; *La scrittura dei libri di famiglia*, em *Letteratura italiana, III/2, Le forme del testo/La prosa*, Turim, Einaudi, 1984, pp. 1117-1159; *I libri di famiglia in Italia. I. Filologia e storiografia letteraria*, Roma, Edizioni di Storia e Letteratura, 1985.

⁶⁷ *La Santacroce, il Salterio e il Babuino: libri per imparare a leggere nel primo secolo della stampa*, «QS», XXXVIII (1978), pp. 593-630; *Leggere, scrivere e abbaco: l'istruzione elementare agli inizi dell'Età Moderna*, em *Scienze, credenze occulte, livelli di cultura*, Convegno Internazionale di Studi (Florença, 26-30 junho 1980), Florença, Leo Olschki; Istituto Nazionale di Studi sul Rinascimento, 1982, pp. 101-119, *La prima istruzione. Idee, metodi, libri*, em *Il catechismo e la grammatica. I*, pp. 25-81.

⁶⁸ *L'alfabetismo nelle campagne del dipartimenti del Mincio e del Mella e nelle alte valli del Serio e dell'Adda (1806-1810)*, em *Istruzione, alfabetismo, scrittura*, pp. 201-244; *Scuole e alfabetismo nello Stato di Milano da Carlo Borromeo alla Rivoluzione*, Bréscia, La Scuola, 1993.

⁶⁹ Giorgio R. CARDONA, *Sull'«Etnografia della scrittura»*, «SC», I (1977), pp. 211-218; *Per una teoria integrata della scrittura*, em *Alfabetismo e cultura scritta...*, pp. 51-74; *Antropologia della scrittura*, Turim, Loescher, 1981; *Storia universale della scrittura*, Milão, Mondadori, 1986; *La linea d'ombra dell'alfabetismo. Ai confini tra oralità e scrittura*, em *Sulle vie della scrittura*, pp. 39-54; *Culture dell'oralità e culture della scrittura*, em *Letteratura italiana, II, Produzione e consumo*, editada por A. Asor Rosa, Turim, Einaudi, 1983, pp. 25-101. Ainda conferir a revista *La ricerca folklorica*, cujos números 4 (*Antropologia simbolica: categorie culturali e segni linguistici*, coordenado por G. R. Cardona), 5 (*La scrittura: funzioni e ideologie*, ao cuidado de G. R. Cardona) e 15 (*Oralidade e scrittura. Le letterature popolari europee*, ao cuidado de Giorgio Cusatelli) se dedicaram a temas relacionados com a escritura.

⁷⁰ Nos referimos principalmente a *Sulle vie della scrittura; Il catechismo e la grammatica, I, Istruzione e controllo, II, Istituzioni scolastiche e riforme nell'area emiliana e romagnola nel'700*, Bolonha, il Mulino, 1986; *Istruzione, alfabetismo, scrittura*.

⁷¹ *Níveis de alfabetização de oficiais administrativos e judiciais dos concelhos de Refojos de Riba d'Ave e da Maia, na 1ª metade do séc. XVII*, em *Actas do Coloquio de História Local e Regional*, Santo Tirso, 1982; *O concelho de Gaia na 1ª metade do séc. XVII: Instituições e níveis de alfabetização dos funcionários*, Gaya, II (1984), pp. 187-212 [Comunicações apresentadas em Congressos em 1979 e 1983] e *A alfabetização no Antigo Regime. O caso do Porto e da sua região (1580-1650)*, «Revista da Faculdade de Letras. História», 2ª série, III (1986), pp. 101-163.

⁷² Referências a eles em Antonio VIÑAO FRAGO, *The history of literacy in Spain: Evolution, traits, and questions*, «History of Education», 30/4 (1990), pp. 574 e em Mercedes VILANOVA RIBAS e Xavier MORENO JULIÀ. *Atlas de la evolución del analfabetismo en España de 1887 a 1981*, Madri, Centro de Publicaciones del Ministerio de Educación y Ciencia: C.I.D.E., 1992, pp. 65-66.

⁷³ María Dolores SAMANIEGO BONEU, *El problema del analfabetismo en España, 1900-1930*, Hispania. Revista española de Historia», 124 (1973), pp. 375-400.

⁷⁴ *Students and society in Early Modern Spain*, The Johns Hopkins University Press, 1974 [*Universidad y sociedad en la España Moderna*, Madri, Tecnos, 1981, especialmente pp. 47-73].

⁷⁵ *Lectura y lectores en la España de los siglos XVI y XVII*, Madri, Turner, 1976. Este livro nasceu a partir de um curso ministrado nas Universidades de Buenos Aires e Cuyo em maio de 1970.

⁷⁶ Marie Christine RODRÍGUEZ y Bartolomé BENNASSAR, *Signatures et niveau culturel des témoins et accusés dans les procès d'Inquisition du ressort du Tribunal de Toléde (1525-1817) et du ressort du Tribunal de Cordoue (1591-1632)*, «Caravelle. Cahiers du monde hispanique et luso-brésilien», 31 (1978), pp. 17-46; B. BENNASSAR. *La España del Siglo de Oro*, Barcelona, Crítica, 1983 (edição original em francês, Paris, Éditions Robert Lafont, 1982), pp. 271-303; IDEM. *Las resistencias mentales*, em B. BENNASSAR e outros. *Orígenes del atraso económico español*, Barcelona, Ariel, 1985 (edição original em francês, Paris, Éditions du CNRS, 1983), especialmente pp. 147-161.

durante o Antigo Regime (Madri, 1980)^{77/78} e outro sobre *Instruction, lecture et écriture en Espagne (XVI^{ème} – XIX^{ème} siècles)* (Toulouse, dezembro 1982)⁷⁹.

O elenco de historiadores da alfabetização e escolarização, interessados especialmente pelas épocas moderna e contemporânea, apresenta um alto percentual de franceses – Claude Larquière⁸⁰, Jean-Pierre Amalric⁸¹, Jean-Paul Le Flem⁸², Bernard Vicent⁸³, Jean-François Botrel⁸⁴, Pierre Ponsot⁸⁵, Jacques Soubeyroux⁸⁶ ou Jean-Louis Guereña⁸⁷ –, compensado nos últimos anos pela progressiva penetração deste sujeito historiográfico nos círculos acadêmicos espanhóis – Juan Eloy Gelabert⁸⁸, Antonio Viñao Frago⁸⁹, Pedro Luis Moreno Martínez⁹⁰, Alejandro

⁷⁷ *Livre et lecture en Espagne et en France sous l'Ancien Régime*.

⁷⁸ [NT] O evento gerou como produção bibliográfica o livro *Livre et lecture en Espagne et en France sous l'Ancien Régime*, Colloque de la Casa de Velazquez (17-19 de novembro de 1980), Paris, Editions A.D.P.F., 1981. Conferir a nota de rodapé 47.

⁷⁹ As atas foram publicadas cinco anos depois com o título *De l'alphabétisation aux circuits du livre en Espagne. XVI^e-XIX^e siècles*, Paris, Éditions du CNRS, 1987.

⁸⁰ *L'alphabétisation à Madrid en 1650*, «RHMC», XXVIII (1981), pp. 132-157 [La alfabetización de los madrileños en 1650, «Anales del Instituto de Estudios Madrileños», XVII (1980), pp. 1-30]; *L'alphabétisation des madrilénes dans la deuxième moitié du XVII^e siècle: Stagnation ou evolution?*, em *De l'alphabétisation*, pp. 73-93; *Fuentes para la historia social de Madrid en el siglo XVII: Alfabetización, abandono de niños y población*, em *Primeras Jornadas sobre Fuentes documentales para la Historia de Madrid*, Madri, Comunidad de Madrid, 1988, pp. 217-232.

⁸¹ *Un réseau d'enseignement élémentaire au XVIII^e siècle: les maîtres d'écoles dans les campagnes de Burgos et Santander*, em *De l'alphabétisation*, pp. 9-28. Escrito com a colaboração de Dominique Escoda, Alice Marques e Marie-Nicole Stevens.

⁸² *Instruction, lecture et écriture en Vieille Castille et Extremadure aux XVI^e-XVII^e siècles*, em *De l'alphabétisation*, pp. 29-43.

⁸³ *Lisants et non-lisants des royaumes de Grenade et de Valence à la fin du XVI^e siècle*, em *De l'alphabétisation*, pp. 95-104.

⁸⁴ *L'aptitude à communiquer: Alphabétisation et scolarisation en Espagne de 1860 à 1920*, em *De l'alphabétisation*, pp. 105-140; *La diffusion du livre en Espagne (1868-1914)*, Madri, Casa de Velázquez, 1988; *Libros, prensa y lectura en la España del siglo XIX*, Madri, Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1993.

⁸⁵ *Le système scolaire d'Andalousie occidentale entre Ensenada et Madoz (milieu XVIII^e-milieu XIX^e)*, em *De l'alphabétisation*, pp. 141-159.

⁸⁶ *Niveaux d'alphabétisation en Espagne au XVIII^{ème}: Premier bilan d'une enquête en cours*, «Imprevue», 2 (1985), pp. 117-135 [Niveles de alfabetización en la España del siglo XVIII]. *Primeros resultados de una encuesta en curso*, «Anales de la Universidad de Alicante. Historia Moderna», 5 (1985), pp. 159-172]; *L'alphabétisation à Madrid aux XVIII^e et XIX^e siècles*, «Bulletin Hispanique», LXXXIX (1987), pp. 227-265; *L'alphabétisation des corporations de métiers madrilenes aux XVII^{ème} et XVIII^{ème} siècles*, em *Madrid en la Época Moderna. Espacio, sociedad y cultura*. Colóquio celebrado nos dias 14 e 15 de dezembro de 1989, edição coordenada por Santos Madrazo e Virgilio Pinto, Madri, Ediciones de la Universidad Autónoma, 1991, pp. 201-215.

⁸⁷ *Analfabetismo y alfabetización en España (1835-1860)*, «RE», 288 (1989), pp. 185-236; *Les écoles d'adultes en Espagne (1838-1873)*, «Cuadernos de Historia Contemporánea», 12 (1990), pp. 11-44; *L'enseignements pour adultes en Espagne. Législation, projets et réalités (1838-1874)*, «Histoire de l'Éducation», 49 (1991), pp. 49-88; *Las casas del pueblo y la educación obrera a principios del siglo XX*, «Hispania», LI/2, núm. 178 (1991), pp. 645-692.

⁸⁸ *Lectura y escritura en una ciudad del siglo XVI: Santiago de Compostela*, em *La ciudad hispánica durante los siglos XIII al XVI*, Madri, Universidad Complutense, I, 1985, pp. 161-182, antes em «Bulletin Hispanique», 1982; *Niveaux d'alphabétisation en Galice (1635-1900)*, em *De l'alphabétisation*, pp. 45-71.

⁸⁹ *Del analfabetismo a la alfabetización. Análisis de una mutación antropológica e historiográfica*, «Historia de la Educación», 3 (1984), pp. 151-189 e 4 (1985), pp. 209-226; *Ilustración y alfabetización. Notas metodológicas y provisionales sobre una investigación en curso*, em *Educación e ilustración en España*, III Coloquio de Historia de la Educación, Universidad de Barcelona, 1984, pp. 353-362; *Alfabetización e Ilustración: Difusión y usos de la cultura escrita*, em «RE», número extraordinário sobre *La educación en la Ilustración española* (1988), pp. 275-302; *La historia de la alfabetización a través de las fuentes notariales. Aportaciones provisionales sobre el proceso de alfabetización en Murcia (1760-1860)*, em *Aproximación a la investigación histórica a través de la documentación notarial*. Murcia, Universidad de Murcia, 1985 (Cuadernos del Seminario «Floridablanca», 1), pp. 31-55; *El proceso de alfabetización en el municipio de Murcia (1759-1860)*, em *La Ilustración española*. Actas del Coloquio Internacional celebrado en Alicante (1-4 de outubro de 1985), Alicante, Instituto Juan Gil-Albert, 1986, pp. 235-250; *Historia de la alfabetización versus historia del pensamiento, o sea, de la mente humana*, «RE», 288 (1989), pp. 35-44; *Historia de un largo proceso*, «CP», 179 (1990), pp. 45-50; *Un campo abierto en expansión e interdisciplinar: la historia de la alfabetización*, «Bulletin d'Histoire Contemporaine de l'Espagne», 14 (1991), pp. 14-35; *Alfabetización, lectura y escritura en el Antiguo Régimen e Alfabetización y alfabetizaciones*, em *Leer y escribir en España*, pp. 45-68 e 385-410; *Alfabetización y escolarización (siglo XVI)*, *Alfabetización y escolarización (siglo XVII)* e *Alfabetización y escolarización (siglo XVIII)*, em *Historia de la educación en España y América*, 2, *La Educación en la España Moderna (Siglos XVI-XVIII)*, coordinado por Buenaventura Delgado, Madri, Ediciones S.M.; Ediciones Morata, 1993, pp. 159-170, 483-490 e 777-786.

⁹⁰ *Alfabetización y cultura impresa en Lorca (1760-1860)*, Murcia, Universidad; Academia Alfonso X El Sabio; Caja de Ahorros de Murcia, 1989; *De la alfabetización a la educación de adultos*, em *Leer y escribir en España*, pp. 111-140.

Tiana Ferrer⁹¹, Mercedes Vilanova e Xavier Moreno⁹² – e ocasionalmente por estudiosos de outras nacionalidades – Sara T. Nalle, Roger Collins⁹³.

Entre todos a alfabetização deixou de ser um “sujet relativement neuf”, como a qualificava Joseph Perez em 1987⁹⁴, para se converter em uma das linhas de investigação mais atrativas e com um futuro mais promissor, sem dúvida também porque supõe a análise histórica de um problema que segue preocupando as sociedades atuais. Testemunho dessa atualidade é a constante publicação de monografias, artigos de investigação e obras coletivas que pretendem remediar o desconhecimento existente sobre história da educação ou especificamente da alfabetização⁹⁵; a publicação de números monográficos de revistas, seja pela celebração em 1989 do Ano Internacional da Alfabetização ou como testemunho da consolidação historiográfica desta linha de investigação⁹⁶; as diversas edições das jornadas da Associação Cultural Al-Mudayna dedicadas a estudar a produção escrita das

⁹¹ *Alfabetización y escolarización en la sociedad madrileña de comienzos del siglo XX (1900-1920)*, em *La sociedad madrileña durante la Restauración, 1876-1931*, edição de Ángel Bahamonde Magro e Luis Enrique Otero, II, Madri, Comunidad de Madrid: Consejería de Educación y Cultura, 1989, pp. 199-215; *Maestros, misioneros y militantes. La educación de la clase obrera madrileña, 1898-1917*, Madri, Centro de Publicaciones del Ministerio de Educación y Ciencia; CIDE, 1992.

⁹² Mercedes VILANOVA, *Alfabetización y militancia. El «descubrimiento» de los analfabetos de Barcelona durante la Segunda República*, «RE», 288 (1989), pp. 255-270; *Analfabetismo y elecciones en la Barcelona de los años treinta*, «Historia y Fuente Oral», 6 (1991), pp. 89-104; M. VILANOVA e Xavier MORENO, *Analfabetismo y censos de población de España de 1887 a 1981*, «Historia y Fuente Oral», 7 (1992), pp. 157-173; ÍDEM. *Atlas de la evolución del analfabetismo*.

⁹³ Sara T. NALLE, *Literacy and culture in Early Modern Castile*, «PP», 125 (1989), pp. 65-96 e Roger COLLINS, *Literacy and the laity in Early Mediaeval Spain*, em *The uses of literacy in Early Mediaeval Europe*, edição Rosamond McKitterick, Cambridge, Cambridge University Press, 1990, pp. 109-133.

⁹⁴ *Introduction*, em *De l'alphabétisation*, p. 1.

⁹⁵ Fundamentalmente me refiro a Baudilio BARREIRO MALLÓN, *Alfabetización y lectura en Asturias durante la Edad Moderna*, «Espacio, Tiempo y Forma. Serie Historia Moderna», 4 (1989), pp. 115-134; Serafín de TAPIA, *Nivel de alfabetización en una ciudad castellana del siglo XVI: Sectores sociales y grupos étnicos en Ávila*, «Studia Histórica/Historia Moderna», VI (1988), pp. 481-502 e *Las primeras letras y el analfabetismo en Castilla. Siglo XVI*, em *Actas del Congreso Internacional Sanjuanista*, II, *Historia* (Ávila, 23-28 de setembro de 1991), Valhadolide, Junta de Castilla y León: Consejería de Cultura y Turismo, 1993, pp. 185-220; Manuel PEÑA DÍAZ, *El uso social de la escritura en Barcelona en el siglo XVI*, «Manuscrits», 11 (1993), pp. 143-168; Francisco J. LASPALAS PÉREZ, *La «reinención» de la escuela. Cinco estudios sobre la enseñanza elemental durante la Edad Moderna*, Pamplona, EUNSA, 1993. Como obras coletivas as já mencionadas *Leer y escribir en España* e o projeto da *Historia de la Educación en España y América*, dirigido por Buenaventura Delgado por incumbência da Fundação Santamaría, do qual até agora publicaram os volumes 1 [*La Educación en la Hispania Antigua y Medieval*, Madri, 1992] e 2 [*La Educación en la España Moderna (Siglos XVI-XVIII)*, Madri, 1993], estando pendente o 3 [*La Educación en la España Contemporánea (1789-1975)*].

⁹⁶ «CP», 179 (março 1979): *Contra los analfabetismos*; «RE», 288 (1989): *Alfabetización*; «Perspectivas», 72 (outubro-dezembro 1989); «Bulletin d'Histoire Contemporaine de l'Espagne», 14 (1991), monográfico sobre alfabetização e escolarização na Espanha Contemporânea; «CP», 216 (julho-agosto 1993): *Leer y escribir*. Inclusive podemos resenhar alguns suplementos de periódicos: *Temas de Nuestra Época: Contra la ignorancia*, «EL País», 114 (18-1-1990) e *Temas de Nuestra Época: La escuela del mañana*, «EL País», 296 (14-10-1993).

⁹⁷ *La voz del silencio. I. Fuentes directas para la historia de las mujeres (siglos VIII-XVIII)*, edição de Cristina Segura Graiño, Madri, Asociación Cultural AL-MUDAYNA, 1992 (corresponde às atas das jornadas de 1991); *La voz del silencio. II. Historia de las mujeres: compromiso y método*, edição de Cristina Segura Graiño, Madri, Asociación Cultural AL-MUDAYNA, 1993 (atas das jornadas de 1992); *Las sabias mujeres. Edad Media*, edição de María del Mar Graña Cid, Madri, Asociación Cultural AL-MUDAYNA, 1994 (jornadas de 1993) e *De leer a escribir. La educación de las mujeres como arma de liberación de las mujeres*, 7-9 de março de 1994, inédito.

mulheres e a mentalidade que nelas se reflete⁹⁷; ou a celebração no verão de 1993 de dois encontros relacionados à leitura e à escritura em sua perspectiva histórica⁹⁸.

A situação historiográfica que se deriva do balanço anterior é de uma riqueza e variedade considerável. Se os estudos sobre o alfabetismo nasceram sob uma compreensível vocação estatística e uma certa linearidade interpretativa ao associar educação e progresso, a produção científica da segunda geração trouxe consigo um enriquecimento das perspectivas de análise, colocando no ponto de mira mais a alfabetização como processo que o binômio alfabetismo/analfabetismo como situação dada.

Há uns anos Harvey J. Graff advertia a manifestação de uma série de sintomas cujo desenvolvimento levaria ao surgimento de uma nova geração. Partindo das valiosas aplicações das investigações sócio-psicológicas de Scribner e Cole e da antropologia do alfabetismo da etnógrafa e linguista Shirley Heath, constatava as limitações derivadas da primazia outorgada ao método quantitativo e propunha um novo rumo para a história da alfabetização, que, assumindo as conquistas das duas gerações precedentes, devia centrar seus objetivos nos seguintes pontos de estudo:

- a) A política cultural ou economia política da alfabetização na história, abundando na concepção que vê na alfabetização um fator de conservadorismo e controle social ou bem de libertação;
- b) O estudo comparativo da alfabetização, para o qual resulta decisiva a importância do contexto;
- c) A nova conceitualização dos diversos contextos – aquisição, uso ou ação; individuais, familiares, de grupo, comunidade ou classe – no estudo da história da alfabetização, o que nos conduz à etnografia da alfabetização;
- d) A análise crítica do mesmo conceito de alfabetização; a questão do alfabetismo e o que ele chama de “criação do significado”, buscando uma aproximação interdisciplinar que permita aprofundar nos usos da alfabetização, em síntese o modo no qual o significado é produzido, influenciado, transmitido e modificado pelo leitor, a interação entre o leitor e o texto. Neste sentido, deve-se ter muito em conta as considerações de Roger Chartier sobre as representações e práticas culturais⁹⁹, sem dúvida relacionadas com a análise do conteúdo – carga ideológica – que

⁹⁸ *Escribir y leer en Occidente. Naturaleza, perspectivas, conflictos*, Curso de Verão da Universidad Internacional Menéndez Pelayo, dirigido por Armando Pctrucci e como secretário Francisco M. Gimeno Blay, Valência 14 a 18 de junho de 1993 e *Las diferentes historias de letrados y analfabetos*, dirigido por Joaquín Gómez Pantoja e Carlos Sáez Sánchez, Curso/Simpósio organizado pela Universidad de Alcalá, Pastrana 1-3 de julho de 1993. As atas deste último, recentemente publicadas pela Universidad de Alcalá (1994) em edição preparada pelos professores mencionados, apresenta algumas das conferências e todas as comunicações. Representam uma amostra das diversas disciplinas que de um modo ou de outro se interessam pela história da cultura escrita por uma perspectiva mais ampla que a do alfabetismo. Deste modo, Rafael G. Viñas Filloy escreveu sobre o «Collegium luvenum» de Sertorio, Eduardo Gil García sobre o uso das epígrafes em espaços públicos e privados, Concepción Mendo Carmona analisou a educação gráfica de quatro escribas leoneses do século X, Carlos Sáez y María Jesús Vázquez Madruga as genealogias do Monastério de Sobrado nos séculos X e XI, María Luz Mandingorra Llavata os usos privados da escrita na Baixa Idade Média, Antonio Castillo centrou-se na tipologia e função dos livros das igrejas rurais do Campo de Calatrava em fins do século XV, Luis Casado Otaola na gênese documental e a especialização escriturária do clero, Isabel Beceiro Pita aproximou-se da função da leitura nas paróquias castelhanas através dos sínodos baixo-medievais, María del Pilar Rábade Obrado traçou a carreira profissional do escrivão de Madri Alfonso González, Josep Antoni Iglesias estudou as leituras do clero catalão na época baixo-medieval, Robert Cuenca a aculturação de um mourisco valenciano a partir de testemunhos escritos autógrafos, Antonio Caballero García editou o inventário de livros do licenciado Juan Rodríguez de Villena (1552), Virginia Cuñat ocupou-se das relações entre a escritura e a imprensa, María del Val González de la Peña as relações entre o padre Andrés Marcos Burriel e o arquivo da catedral de Sigüenza, Vsevolod Bagno da fortuna dos manuscritos espanhóis na Rússia, José Antonio Ranz Yubero analisou a Paleografia como ciência auxiliar da Toponímia, Joaquín Gómez Pantoja as inscrições latinas de San Esteban de Gormaz e Gian Luca Gregori a inter-relação entre romanização, alfabetização e conservação da memória histórica através dos testemunhos epigráficos dos vales brescianos.

⁹⁹ «Nunca o texto, literário ou documental, pode anular-se como texto, ou seja, como um sistema construído segundo categorias, esquemas de percepção e de apreciação, regras de funcionamento, que nos levam às condições mesmas de produção. A relação do texto com a realidade (que talvez possamos definir como aquilo que o texto mesmo objetiva como real ao se constituir em um referente fora de si mesmo) se constrói segundo modelos discursivos e divisões intelectuais próprias a cada situação de escrita», R. CHARTIER, *Historia intelectual e historia de las mentalidades. Trayectorias y preguntas*, em *El mundo como representación*, p. 40 (edição original em inglês, 1982) e *El mundo como representación*, em *Ibidem*, pp. 45-62 (edição original em francês, 1989).

implica a forma discursiva – o texto –¹⁰⁰, mas sem chegar ao extremo, denunciado por Josep Fontana, de substituir «o estudo dos problemas reais dos homens pelo dos discursos que se referem a eles (em ocasiões para ocultá-los)»¹⁰¹;

e) A consciência teórica da importância da história da alfabetização e a subsequente evolução desde os estudos de história da alfabetização até os que propõem a alfabetização na história¹⁰².

Em resumo, o presente da história da alfabetização vem definido pelo estudo interdisciplinar dos usos – públicos e privados, práticos ou simbólicos – da escrita. Antonio Viñao prefere inclusive falar de alfabetizações e define o campo de estudo nos seguintes termos:

El fenómeno a estudiar no es el analfabetismo, como se ha hecho tradicionalmente, sino la alfabetización, sus agentes, objetivos, instrumentos y consecuencias. Esta perspectiva socio-cultural contempla la alfabetización como un fenómeno más amplio que la escolarización. Ambos procesos se insertan en contextos sociales diferentes y sólo en parte coinciden. O sea, la alfabetización ha de ser estudiada a partir del uso social (simbólico, expreso y latente; grupal, corporativo e individual; de producción, mediación y recepción) de las habilidades de leer y escribir (y, en una concepción más completa, de calcular), de su consideración como prácticas sociales organizadas que tienen lugar en contextos de uso específicos, uno de los cuales (y no el más importante) es el escolar. La historia de la alfabetización integra, por tanto, la historia de la lectura y escritura, de la producción y distribución, usos y maneras de la cultura escrita, así como las de las relaciones entre oralidad y escritura, culturas orales y culturas escritas. De ahí que en su escrito se impliquen la historia literaria, la de los modos de comunicación humana, la antropología y la historia socio-cultural.^{103/104}

Paleografia versus Alfabetização

Dentro das coordenadas historiográficas expostas nas páginas precedentes e em função das mais imediatas reflexões sobre o presente e futuro da história da alfabetização, parece evidente que a Paleografia deve reclamar e demonstrar sua virtualidade como uma das disciplinas cujo método e fazer resultam imprescindíveis em qualquer elaboração científica que persiga uma interpretação global e multidisciplinar da história da cultura escrita, não com base em uma perspectiva *evenemencial*, que também se poderia dar, mas social.

Apesar dos avanços alcançados nas últimas décadas, a assimilação destas ideias conta ainda com demasiadas reticências. Influencia primeiramente a inicial vinculação da alfabetização com determinados círculos de antropólogos e historiadores, estes últimos muito apegados à metodologia quantitativa. Também o desconhecimento que, com mais frequência do que deveria, se tem em umas disciplinas em relação aos métodos e possibilidades de outras, inclusive quando ambas podem apresentar certas afinidades em relação ao objeto de

¹⁰⁰ Vid. Hayden WHITE, *El contenido de la forma. Narrativa, discurso y representación histórica*, Barcelona, Paidós, 1992 (edição original em inglês, 1987).

¹⁰¹ Josep FONTANA, *La historia después del fin de la historia. Reflexiones acerca de la situación actual de la ciencia histórica*, Barcelona, Crítica, 1992, p. 100. A isto mesmo fez referência recentemente Hobsbawn ao criticar «o auge das modas intelectuais “pós-modernistas” nas universidades ocidentais, especialmente nos departamentos de literatura e antropologia, que aludem que todos os “feitos” que reclamam uma existência objetiva são simplesmente construções intelectuais», Eric HOBBSBAWN, *La Historia, de nuevo amenazada*, «El Viejo Topo», 72 (fevereiro 1994), p. 78.

¹⁰² Conferir H. J. GRAFF, *Gli studi di storia dell'alfabetizzazione*, pp. 207-213. Mais recentemente fez referência a isso na conferência *Assessing the History of Literacy in the 1990s: Themes and Questions*, pronunciada dentro do curso *Escribir y leer en Occidente*.

¹⁰³ Antonio VIÑAO FRAGO, *Alfabetización e Ilustración*, pp. 278-279. Referente à consideração plural da alfabetização, vid. *Alfabetización y alfabetizaciones*, em *Leer y escribir en España*, pp. 385-410.

¹⁰⁴ [NT] Tradução: “O fenômeno a ser estudado não é o analfabetismo, como se fez tradicionalmente, mas a alfabetização, seus agentes, objetivos, instrumentos e consequências. Esta perspectiva sociocultural contempla a alfabetização como um fenômeno mais amplo que a escolarização. Ambos os processos se inserem em contextos sociais diferentes e somente em parte coincidem. Ou seja, a alfabetização deve ser estudada a partir do uso social (simbólico, expreso e latente; grupal, corporativo e individual; de produção, mediação e recepção) das habilidades de ler e escrever (e, em uma concepção mais completa, de calcular), de sua consideração como práticas sociais organizadas que têm lugar em contextos de usos específicos, um dos quais (e não o mais importante) é o escolar. A história da alfabetização integra, portanto, a história da leitura e da escritura, da produção e distribuição, dos usos e maneiras da cultura escrita, assim como a das relações entre oralidade e escritura, das culturas orais e culturas escritas. Dessa forma, em sua escrita se implicam a história literária, a dos modos de comunicação humana, a antropologia e a história sociocultural”.

estudo. Finalmente, não foram menos determinantes os receios despertados entre a profissão paleográfica pelos novos rumos *versus* a alfabetização, que chegaram a ser interpretados como uma perversão do método próprio da disciplina e a ser qualificados, com intenção de censura, de pressupostos marxistas.

Vejamos, então, os traços principais dessa evolução que levou a Paleografia desde seus originários objetivos baseados na peritagem gráfica, na análise interna dos signos escritos e na fixação dos textos, à atual conceitualização como história social da cultura escrita.

A Paleografia nasce no final do século XVII juntamente com a Diplomática¹⁰⁵ e ingressa no vocabulário científico na *Palaographia Graeca* (1708) de Bernard Montfaucon, companheiro de Mabillon na abadia parisiense de Saint Germain des Prés¹⁰⁶, e se converte em ciência autônoma quando se fez indispensável determinar com exatidão o conteúdo dos textos escritos¹⁰⁷.

Na Espanha, o nascimento da Paleografia, como demonstrou Francisco M. Gimeno Blay ao estudar os manuais inéditos e publicados desde 1738 a 1932, esteve determinado pela Ilustração e pela incorporação dos bens senhoriais ao patrimônio real, processo que intensificou o estudo dos documentos antigos e sua transcrição fidedigna como fruto de uma necessidade social, a de certificar e garantir a propriedade das terras em litígio¹⁰⁸.

É certo que a Paleografia compreende tanto a leitura e peritagem ou análise gráfica, quanto a história da escritura¹⁰⁹, mas não é menos importante que a trajetória acadêmica desta disciplina tenha estado monopolizada por uma metodologia de trabalho que somente pretendia responder às demandas provocadas pelas perguntas *o quê, quando, onde e como* se produziram os testemunhos escritos¹¹⁰. A resposta às mesmas permitiu desenvolver uma vasta série de conhecimentos capazes de proporcionar uma leitura crítica dos documentos, datá-los, localizá-los e conhecer as técnicas e procedimentos de sua execução gráfica¹¹¹. Em síntese, uma análise dos documentos em sua existência material mas sem indagar no ser dos mesmos, ou o que é igual na função para a qual foram produzidos.

Scopo della paleografia è, infatti, non solo interpretare esattamente gli antichi manoscritti, ma anche datarli, localizzarli e, in generale, trarre dal loro aspetto esteriore tutti gli elementi utili allo studio del loro contenuto e, su un piano più ampio, alla storia della cultura in genere. Il suo studio comprende pertanto: quello delle materie scritte e degli arnesi usati per scrivere nei vari tempi e nei singoli luoghi; quello della preparazione del codice per ricevere la scrittura e delle forme esteriori dei codici; quello della storia della scrittura alfabetica (paleografia in senso

¹⁰⁵ Os capítulos VIII, IX e XI da obra do beneditino francês Jean MABILLON. *De re diplomática libri sex*, Paris, 1681, podem ser considerados como o primeiro tratado científico de Paleografia ou, segundo escreveu Elisa Ruiz, referindo-se mais concretamente ao capítulo XI (pp. 45-53), como «a primeira exposição doutrinal», Elisa RUIZ. *Hacia una semiología de la escritura*, p. 158.

¹⁰⁶ *Palaographia Graeca, sive de ortu el progressu litterarum Graecarum, et de variis omnium saeculorum scriptionis Graecae generibus: itemq ue de abbreviationibus et de notis variarum artium et disciplinarum. Additis figuris et schematibus ad fidem manuscritorum codicum*, Paris, 1708.

¹⁰⁷ «Ció si potrebbe sprimere in breve dicendo che la paleografia nacque da un'istanza storiografica e fu resa autonoma da un'istanza filologica», Giorgio CENCETTI. *Lineamenti di storia della scrittura latina*, Bologna, 1956, p. 7. [NT]: «Então, poder-se-ia expressar rapidamente dizendo que a paleografia nasceu de uma instância historiográfica e foi convertida em autônoma por uma instância filológica», Giorgio CENCETTI. *Lineamenti di storia della scrittura latina*, Bologna, 1956, p. 7.

¹⁰⁸ *Las llamadas ciencias auxiliares de la historia: ¿errónea interpretación?. (Consideraciones sobre el método de investigación en Paleografía)*, Saragoça, Diputación Provincial: «Institución Fernando el Católico», 1986, p. 24.

¹⁰⁹ Disso diz L. Gilissen que é «a ciência paleográfica por excelência, já que se ocuparia de explicar os fenômenos analisados pela paleografia de peritagem, e de os organizar em um verdadeiro saber estruturado», em *Analyse des écritures. Manuscrits datés et expertise des manuscrits non datés*, em *Les techniques de laboratoire dans l'étude des manuscrits*, Colloque International du Centre National de la Recherche Scientifique (setembro 1972), Paris, Editions du CNRS, 1974 (Coloques Internationaux du Centre National de la Recherche Scientifique; 518), p. 28. Citado por Agustín MILLARES CARLO. *Tratado de Paleografía Española*, edição de José Manuel Ruiz Asencio, I, Madri, Espasa Calpe, 1983, p. 1.

¹¹⁰ A constatação desta opinião pode ser verificada ao se analisarem as linhas de trabalho que vêm se desenvolvendo dentro do campo da Paleografia. Servem para isso tanto as recopilações bibliográficas como os contínuos *status quaestionis*, alguns deles surgidos recentemente. Vid. Josefina e M^a Dolores MATEU IBARS. *Bibliografía paleográfica*, Barcelona, Universidad de Barcelona, 1974 e *Un secolo di Paleografia*. Referente à Paleografia espanhola as sínteses mais recentes se devem a Francisco M. Gimeno Blay, incluídas no livro anterior, e as diversas conferências - Ángel Canellas López, Manuel Lucas Álvarez, Gimeno Blay, José Trenchs Odena, Santos García Larragueta e María Josefa Sanz Fuertes - que se apresentaram no *III Curso de Estudios Bennisal-Castellò*, publicadas em «AEM», 21 (1992). Recentemente Ángel RIESGO TERREROS, *Datos para la historia de la Paleografía y de su enseñanza como disciplina*, em *Strenae Emmanvele Marrero oblatae. Pars altera*, edição de Gloria Díaz Padilla e Francisco González Luis, La Laguna, Universidad de La Laguna, 1993, pp. 287-298.

¹¹¹ Armando PETRUCCCL *Breve storia della scrittura latina*, pp. 18-20.

stretto); quello dei segni accessori della scrittura alfabetica (interpunzione, numerali, segni ortografici e critici, ecc); quello delle scritture tachigrafiche e brachigrafiche e delle crittografie dell'antichità e del medioevo^{112/113}.

No entanto, os estudos paleográficos assim formulados, apesar de terem evoluído e aperfeiçoado seus métodos, resultavam insuficientes e inadequados às novas demandas derivadas da definição da Paleografia como história da escritura e esta como história das diversas situações de uso da mesma enquadradas em seu contexto sociocultural¹¹⁴. Se desejaria, portanto, uma renovação que fizesse da Paleografia uma verdadeira história da escritura, pensando nesta como «storia de movimenti, di culture, di religioni, di forme statuali, di persuasioni e di sopraffazioni»^{115/116}.

Tal renovação se viu impulsada e favorecida tanto pelo eco de algumas vozes que no seio da Paleografia se alçaram nessa direção, especialmente a de István Hajnal, quanto pelas mudanças experimentadas no discurso histórico ao longo do século, primeiro com a escola ou tradição de «Annales»¹¹⁷, cujos representantes entenderam a história a partir de uma perspectiva global, articulada em torno a três eixos básicos (economia, sociedade e civilização), e logo com a «nouvelle histoire», tão atenta ao estudo das mentalidades, à vida privada ou à história das mulheres. Ademais, se beneficiou das teorias da escritura existentes a partir da linguística e da semiologia (Ferdinand de Saussure, Roland Barthes ou Umberto Eco), da etnologia e etnografia (Claude Lévi-Strauss ou Jack Goody), da sociologia da comunicação (Marshall Mac Luhan) ou da filosofia (Jacques Derrida)¹¹⁸.

Em consonância a esse cúmulo de influências, a escritura começou a ser pensada e estudada como algo mais que um sistema ordenado de signos gráficos, convertendo-se em uma fonte histórica *per se*, de modo que, ao estudar sua função e difusão social em cada momento histórico, se podia alcançar um conhecimento mais integral do passado, em particular ressaltando o devir humano como a luta de uma maioria por se apropriar de um veículo de comunicação monopolizado pelas classes dominantes.

Detectadas as deficiências do método tradicional com vistas à conceptualização da Paleografia como uma disciplina mais científica e menos auxiliar, sua contribuição ao estudo da alfabetização na história, habitualmente expressa sob o termo *alfabetismo e cultura escrita*, surge, segundo Armando Petrucci, quando, ao analisar a escritura, os estudiosos desta disciplina se dão conta das limitações científicas impostas pelas questões fundamentais as quais havia tratado de responder a Paleografia tradicional, isto é, o *o quê, quando, onde e como se redigiram os testemunhos escritos, seja qual for o suporte* (livros, documentos, inscrições, filactérios, vasos, etc.).

Vimos páginas atrás que desde o século XVIII e sobretudo ao longo da primeira metade do XX diversos autores se pronunciaram pela definição da Paleografia como história da escritura, e, enquanto tal, alguns deles – István Hajnal – esboçaram as primeiras ideias em relação à interdependência entre a escritura e a sociedade. No entanto, a maior parte dos paleógrafos continuou a se exercitar como peritos especialistas na análise sincrônica e diacrônica dos tipos gráficos e como editores de grandes coleções documentais.

Partindo dessas deficiências estruturais e tratando de superar os limites tradicionais ao que conduzia o método paleográfico tradicional, Armando Petrucci manifestou nesse momento sua vocação renovadora em 1962

¹¹² Giorgio CENCETTI. *Paleografia latina*, editado por Paola Supino Martini com bibliografia aggiornata e tavole, Roma, Jouvence, 1978, pp. 7-8. Reimpressão do *Compendio de Paleografia latina*, Nápoles, 1963. [NT]: Giorgio CENCETTI. *Paleografia latina*, editado por Paola Supino Martini com bibliografia atualizada e lâminas, Roma, Jouvence, 1978, pp. 7-8. Reimpressão do *Compendio de Paleografia latina*, Nápoles, 1963.

¹¹³ [NT] Tradução: O objetivo da paleografia é, na verdade, não só interpretar precisamente os antigos manuscritos, mas também datá-los, localizá-los e, de modo geral, apontar, a partir de sua materialidade exógena, todos os elementos úteis para o estudo do seu conteúdo e, num plano mais amplo, para a história da cultura em geral. Seu estudo compreende, portanto: o que se refere aos materiais escriptoriais e aos instrumentos usados para escrever em vários momentos e em certos locais; a preparação do códice para receber a escrita bem o conhecimento de sua constituição material; a história da escrita alfabética (paleografia *stricto sensu*); os sinais acessórios da escrita alfabética (pontuação, numerais, sinais ortográficos e diacríticos, etc); os registros taquigráficos e braquigráficos e criptografias da Antiguidade e da Idade Média.

¹¹⁴ A. PETRUCCI. *Breve storia della scrittura*, p. 20.

¹¹⁵ Giorgio R. CARDONA. *Storia universale della scrittura*, p. 9.

¹¹⁶ [NT] Tradução: «história dos movimentos, culturas, religiões, formas de estado, de persuasão e opressão».

¹¹⁷ Introduzimos este matiz a partir das declarações de Roger Chartier no sentido de que “já não se pode falar de escola dos *Anuales*”, em «Representaciones y prácticas culturales en la Europa Moderna. Conversación con Roger Chartier», *Manuscrits*, 11 (1993). p. 39

¹¹⁸ A estes autores faz referência Albert d'HAENENS, *Écrire, utiliser et conserver des textes pendant 1500 ans: la relation occidentale à l'écriture*, «SC», 7 (1983), pp. 232-234.

ao estudar os *graffiti* de Condatomagos, de origem humilde e testemunho da escritura “usual” romana do século I de nossa era¹¹⁹.

O que naquele momento não era mais do que uma declaração de intenções, adquiriu sua primeira e significativa sistematização teórico-metodológica poucos anos depois dentro de um estudo sobre a escritura e o livro na Itália alto-medieval. Ali expôs seus argumentos em relação aos caminhos seguidos pela Paleografia e traçou as coordenadas conceituais dos novos caminhos que tal disciplina devia seguir para sair do isolamento erudito no qual se encontrava imersa. Suas reflexões se plasmaram incorporando ao questionário metodológico da Paleografia duas novas perguntas – *quem escreve, por que o faz* – que implicaram um giro substancial na interpretação paleográfica dos produtos escritos e deram a tal disciplina uma dimensão mais científica, convertendo-a em um recurso mais encaminhado a que a história efetivamente possa «apreender o passado do homem em sua totalidade, em toda sua complexidade e sua inteira riqueza»¹²⁰. Deixemos agora que seja o mesmo Petrucci quem nos explique com suas palavras:

Ma a noi sembra che il metodo di studio delle scritture altomedievali impostato principalmente sull'analisi grafica delle scritture stesse abbia ormai già raggiunto, in questo particolare terreno di ricerca, i risultati migliori, e sia incapace di andare oltre. Ormai, insomma, sappiamo in che modo venivano scritti libri e documenti nell'Europa altomedievale, e possiamo sapere, entro certi limiti, dove e quando venivano usate determinate scritture. Ma ad altre domande non sappiamo rispondere, forse perché non ce le siamo mai poste, o perché non ce le siamo poste abbastanza; **e sono le domande non già del come, del dove e del quando, ma del chi e del perché.** L'impostazione stessa di queste domande rovescia, in un certo senso, il metodo tradizionale della paleografia, non soltanto perché considera la scrittura nell'ambito della società che l'ha prodotta (il che è già compito di una paleografia genericamente storicista), ma soprattutto perché, invece di partire propriamente allo studio delle forme grafiche per collegare poi queste ultime ad altre manifestazioni della società coeva, intende partire propriamente dallo studio del significato che una determinata società, formata necessariamente di scriventi e di non scriventi, attribuiva alla scrittura, e dalla conoscenza del numero e della qualità degli scriventi in quella determinata società; per collegare poi ai risultati di queste ricerche lo studio di tutte le forme grafiche prodotte da quella società nella loro varietà e nel loro complesso, e spiegare con la logica di tale collegamento e di tale confronto gli atteggiamenti generali di quella società stessa rispetto alla scrittura ed alla cultura, e viceversa, le particolarità delle forme grafiche adottate, i loro mutamenti, le influenze stilistiche da esse subite o essercitate^{121/122}.

Mais do que possamos dizer nós, a longa citação anterior reflete com suficiente clareza até onde se havia chegado com a metodologia tradicional e o que se podia esperar das novas propostas de Petrucci.

¹¹⁹ *Per la storia della scrittura romana: i graffiti di Condatomagos*, «BAPL», Terza serie, I (1962), pp. 85-132 + 3 tavv. Pouco depois insistiu na necessidade de estudar as escrituras usuais como meio para se chegar a um melhor conhecimento da cultura e da sociedade medieval na recensão da tese de Jacques STIENNON [*L'écriture diplomatique dans la diocèse du Liège du XI^e au milieu du XIII^e siècle. Reflet d'une civilisation*, Paris, 1980], publicada em «BAPL», Terza serie, II-III (1963-1964), pp. 117-119.

¹²⁰ Henri-Irénée MARROU, *Qu'est-ce que l'histoire?*, em Ch. SAMARAN. *L'Histoire et ses méthodes*, Paris, Gallimard, 1969, p. 3. Citado por F. S. CARDOSO e H. PÉREZ BRIGNOLI. *Los métodos de la historia. Introducción a los problemas, métodos y técnicas de la historia demográfica, económica y social*, Barcelona, Grijalbo, 1977, p. 25.

¹²¹ *Scrittura e libro nell'Italia altomedievale. Il sesto secolo*, «SM», X/2 (1969), pp. 157-158. Posteriormente em *Breve storia della scrittura latina*, pp. 20-21. O negrito é nosso.

¹²² [NT] Tradução: Mas parece-nos que o método de estudo das escritas da Alta Idade Média, estabelecido principalmente com base na análise gráfica das próprias escritas, já alcançaram, até agora, neste campo específico de pesquisa, melhores resultados e foram capazes de ir além do que já se sabia. Até o presente momento, então, sabemos como foram escritos livros e documentos do início da Europa medieval, e podemos saber, dentro de certos limites, onde e quando foram usadas certas escritas. Mas não sabemos responder a outras indagações, talvez porque não as estamos fazendo mais ou porque não as estamos fazendo de modo suficiente; **e já não são perguntas sobre o como, o onde e o quando, mas sobre quem e por que.** O estabelecimento dessas mesmas perguntas desconstrói, de um certo modo, o método tradicional da paleografia, não só porque considera a escrita no âmbito da sociedade que a produziu (o que desde sempre foi tarefa de uma paleografia historicista), mas sobretudo porque, em vez de começar diretamente pelo estudo de formas gráficas para, em seguida, conectá-las a outras manifestações da sociedade contemporânea, pretende iniciar, de modo mais apropriado, pelo estudo do significado que uma dada sociedade, formada por indivíduos que sabem escrever e também pelos que não o sabem, atribuiu à escrita; e pelo conhecimento da quantidade e da qualidade daqueles que sabiam escrever dentro daquela sociedade, para posteriormente correlacionar aos resultados dessa investigação, o estudo de todas as formas gráficas produzidas por aquela sociedade, na sua variedade e na sua complexidade, e explicar, a partir dessa correlação e comparação, as atitudes gerais daquela mesma sociedade em relação à escrita e à cultura, e vice-versa, as particularidades das formas gráficas adotadas, suas mudanças, as influências estilísticas geradas pelas mudanças ou hábitos.

Pode-se dizer que é nesse momento quando nasce a Paleografia como história da escrita¹²³ ou, mais propriamente, como história social da mesma¹²⁴, superando assim a visão estruturalista de Giorgio Cencetti, quem tratou de explicar as tendências gráficas atribuindo-as a fatores endógenos da escrita, ou a «economia scrittoria» de Costamagna¹²⁵.

A apresentação em sociedade desta nova Paleografia, a «paleografia selvaggia» como denomina Vittorio De Donato, teve seu primeiro ato importante em 1977 com a celebração do seminário sobre *Alfabetismo e cultura scritta* e a publicação do primeiro número da revista *Scrittura e Civiltà*, dirigida pelos paleógrafos Guglielmo Cavallo, Armando Petrucci e Alessandro Pratesi.

Do seminário e sua transcendência já tratamos, mas gostaríamos de retomá-lo agora para trazer à discussão as palavras com as quais Bartoli Langeli expôs os objetivos do encontro e a posição da Paleografia entre os mesmos:

Primo, come paleografi, immettere gli studi di paleografia in un circuito di interessi e motivazioni storiche più ampio e significativo di questo che li ha finora in gran parte alimentato, contribuendo non solo a valorizzare, ma soprattutto a rinsanguare e allargare la metodologia, gli strumenti, il campo d'indagine della nostra disciplina.

Secondo, avviare un discorso comune sulla scrittura e sulle sue implicazioni socio-culturali, facendo confrontare sul terreno delle proposte di método i diversi punti di vista dai quali il fenomeno è stato o può essere studiato; operazione tanto più necessaria in quanto tali punti di vista sono molti, almeno a considerare i comparti disciplinari che direttamente o indirettamente convergono sulla scrittura.

Terzo, far prendere coscienza che lo studio della scrittura non può continuare ad essere affidato a discipline specialistiche, fra l'altro difficilmente comunicanti, ma deve essere affrontato in una valutazione storica complessiva: proporre in sostanza agli storici un campo de lavoro le cui potenzialità lo stalo degli studio è ben lontano dall'aver saggiato sistematicamente^{126/127}.

Por sua parte, *Scrittura e Civiltà* nasceu depois de constatar a crescente preocupação que, no seio da história da escrita latina e grega, se estava produzindo em relação à geração de um discurso mais crítico e global sobre a escrita, pelo que se dirigia não somente aos paleógrafos mas a todos aqueles que tiveram algo a ver com os testemunhos escritos do passado e compartilharam «l'ambizione di contribuire ad una più completa conoscenza, costruita appunto in termini storici, di quello che forse è il più complesso ed arduo strumento espressivo che l'uomo abbia saputo darse nei secoli: la scrittura»^{128/129}.

Aprofundando nessa direção apareceram nos últimos lustros numerosos trabalhos que vieram a demonstrar a validade do método paleográfico na análise da função e extensão social da escrita ou do nível de

¹²³ «... a la paleografía, dunque, innanzi tutto; o meglio quella disciplina che si usa chiamare ancora così e che senz'altro sarebbe opportuno denominare storia della scrittura, per sgombrare il campo da ogni residuo equivoco di limitazione strumentale», na apresentação de «SC», 1 (1977), p. 6. [NT] Tradução: «... à paleografia, então, antes de tudo; ou melhor aquela disciplina que se ainda se denomina desse modo e que, certamente, seria mais correto denominar de história da escrita, para afastar a disciplina de qualquer mal-entendido remanescente de limitações instrumentais», na apresentação de «SC», 1 (1977), p. 6.

¹²⁴ A. BARTOLI LANGELI, *Intervento di apertura*, p. 20, nota 21.

¹²⁵ *Paleografia latina. Comunicazione e tecnica scrittoria*, em *Introduzione allo studio della storia*, editado por L. Bulferetti, Milão, 1970, pp. 395-400. Citado por A. BARTOLI LANGELI, *Intervento di apertura*, p. 20.

¹²⁶ A. BARTOLI LANGELI, *Intervento di apertura*, pp. 11-12.

¹²⁷ [NT] Tradução: Primeiro, como paleógrafos, introduzamos os estudos de Paleografia em um circuito de interesses e razões históricas mais amplo e significativo do que este que tem, até agora, o alimentado em grande parte, contribuindo não só para sua valorização, mas especialmente para revitalizar e ampliar a metodologia, as ferramentas, o campo de investigação da nossa disciplina. Em segundo lugar, lancem um discurso comum sobre a escrita e sobre suas implicações sócio-culturais, fazendo comparações no terreno das propostas de método dos diferentes pontos de vista dos quais o fenômeno foi ou pode ser estudado; operação ainda mais necessária nos casos em que esses pontos de vista são muitos, pelo menos, a considerar as diferentes disciplinas que direta ou indiretamente convergem no estudo sobre a escrita. Em terceiro lugar, tornem as pessoas conscientes de que o estudo da escrita não pode continuar a ser confiado a disciplinas especializadas, que às vezes mal se comunicam, mas deve ser abordado sob uma avaliação histórica geral: proponham essencialmente aos historiadores um campo de trabalho cujo potencial do estado do estudo está longe de ter sido testado de forma sistemática.

¹²⁸ «SC», 1 (1977), Apresentação.

¹²⁹ [NT] Tradução: “a ambição de contribuir para uma compreensão mais completa, construída justamente em termos históricos, daquilo que talvez seja o mais complexo e difícil instrumento expressivo que o homem soube legar a ele mesmo através dos séculos: a escrita”.

educação gráfica que refletem os documentos escritos, muitas vezes não levada em consideração pelos historiadores da alfabetização.

Sem pretender ser exaustivos, distinguiremos algumas das linhas específicas de trabalho que se propuseram a partir do âmbito paleográfico nas últimas décadas, centrando-nos para isso na produção italiana e espanhola por serem estes os países nos quais as propostas de Petrucci tiveram mais aceitação.

A este autor devemos naturalmente que fosse o primeiro em propor a renovação da Paleografia e elaborasse os traços da mesma. A eles voltou em repetidas ocasiões, dentro de seu contínuo refletir sobre a trajetória historiográfica da Paleografia, inclusive da Diplomática e da Codicologia¹³⁰ e especialmente quando o fez sobre os objetivos e métodos do alfabetismo e da cultura escrita¹³¹. Junto a suas brilhantes sínteses globais sobre a função das escrituras expostas na história¹³², a cultura escrita na Itália do século XI ao XVIII¹³³, a realidade da escritura e do alfabetismo no mundo de hoje¹³⁴ ou a mais recente e pedagógica sobre os testemunhos escritos no medievo italiano¹³⁵, é autor de um longo e variado número de artigos de investigação, nos quais demonstrou uma estimável versatilidade. Assim se interessou pelos processos de intermediação gráfica ou escritura delegada¹³⁶, a dialética escrituras populares – escrituras criminais¹³⁷ e constantemente pela função da escrita, o alfabetismo e a educação gráfica nos diversos períodos da história italiana: época romana¹³⁸, Itália alto-medieval¹³⁹, baixo-medieval¹⁴⁰, humanístico-renascentista¹⁴¹, barroca¹⁴² ou contemporânea¹⁴³. Outras vezes se interessou pelas escrituras pessoais¹⁴⁴. Mais especificamente enfocados na “scrittura del testo”, na leitura e no livro são seus trabalhos sobre a estrutura dos manuscritos, as relações entre estes e os impressos, a tipologia livreira no

¹³⁰ *La Paleografia latina in Italia dalla scuola; Paleografia, Diplomatica, Codicologia*, em *La storiografia degli ultimi vent'anni. I, Antichità e Medioevo*, editado por L. De Rosa, Roma-Bari, Laterza, 1989.

¹³¹ *Per la storia dell'alfabetismo e della cultura scritta: metodi-materiali-quesiti*, em *Alfabetismo e cultura scritta*, pp. 33-47; *Funzione della scrittura e terminologia paleografica*, pp. 1-30; *Prospettive di ricerca e problemi di metodo per una storia qualitativa dell'alfabetismo*, em *Sulle vie della scrittura*, pp. 21-37; *David Cressy: Sull'alfabetismo in Inghilterra*, «QS», 51(1982), pp. 1129-1133; *I documenti privati come fonte per lo studio dell'alfabetismo e della cultura scritta*, em *Gli atti privati nel tardo medioevo: fonti per la storia sociale*, editado por Paolo Brezzi e Egniont Lee, Roma Istituto di Studi Romani, 1984, pp. 251-266; *La scrittura riprodotta*, «SC», 8 (1984).

¹³² *La scrittura tra ideologia e rappresentazione*, em *Storia dell'arte italiana*, IX, 1, Turim, 1980, pp. 3-123, agora em *La scrittura. Ideologia e rappresentazione*, Turim, Einaudi, 1986.

¹³³ *Storia e geografia delle culture scritte (dal secolo XI al secolo XVIII)*, em *Letteratura italiana, II, Storia e Geografia, II, L'età moderna*, editado por A. Asor Rosa, Turim, Einaudi, 1988, pp. 1193-1292.

¹³⁴ *Scrivere e no. Politiche della scrittura e analfabetismo nel mondo d'oggi*, Roma, Editori Riuniti, 1987.

¹³⁵ *Medioevo da leggere. Guida allo studio delle testimonianze scritte del Medioevo italiano*, Turim, Einaudi, 1992. Uma resenha deste livro preparada por Antonio Castillo constará em «AEM», 23 (1993).

¹³⁶ *Scrivere per gli altri*, «SC», 13 (1989), pp. 475-487, agora também em *Istruzione, alfabetismo, scrittura*, pp. 61-74.

¹³⁷ *Scritture popolari-scritture criminali nell'Archivio di Stato di Roma*, «Notizie», [2] (setembro 1981), pp. 23-25.

¹³⁸ *Per la storia della scrittura romana; Nuove osservazioni sulle origini della B minuscola nella scrittura romana*, «BAP», II-III (1963-1964), pp. 55-72.

¹³⁹ Nos remetemos a Armando PETRUCCI - Carlo ROMEO. «*Scriptores in uribus*». *Alfabetismo e cultura scritta nell'Italia altomedievale*, Bolonha, il Mulino, 1992, recopilação de vários trabalhos de Petrucci sobre o tema, alguns de Romeo e outros de ambos. Conferir a resenha deste livro que se publicou no presente número de *Signo*, realizada por Antonio Castillo.

¹⁴⁰ *Scrivere a Manfredonia nel 1325*, em *Della Capitanata e del Mezzogiorno. Studi per Pasquale Soccio*, editado por A. Molta, Manduria, 1987, pp. 129-133; A. PETRUCCI e Luisa MIGLIO, *Alfabetizzazione e organizzazione scolastica nella Toscana del XIV secolo*, em *La Toscana nel secolo XIV. Caratteri di una civiltà regionale*, editado por Sergio Gensini, Pisa, Pacini Editore, 1988, pp. 465-484.

¹⁴¹ *Scrittura e cultura nell'Umanesimo italiano*, «Cultura e Scuola», 10 (1964), pp. 5-12, renovado em «*Anticamente moderni e modernamente antichi*», em *Libri, scrittura e pubblico nel Rinascimento. Guida storica e critica*, editado por Armando Petrucci, Roma-Bari, Laterza, 1979, pp. 21-36; *Scrittura, alfabetismo ed educazione grafica nella Roma del primo Cinquecento: da un libretto di conti di Maddalena pizzicarella in Trastevere*, «SC», 2 (1978), pp. 163-207; *Problemi di storia dell'alfabetismo nella Roma rinascimentale e moderna. L'approccio qualitativo*, «Notizie», [5] (março 1984), pp. 1-2; *Potere, spazi urbani e scritture esposte: proposte ed esempi*, em *Culture et idéologie dans la genèse de l'Etat moderne*, Roma, École Française, 1985, pp. 85-97; *Per una strategia della mediazione grafica nel Cinquecento italiano*, «Archivio Storico Italiano», CXLIV (1986), pp. 97-112; *Pouvoir de l'écriture, pouvoir sur l'écriture dans la Renaissance italienne*, «Annales», 43 (1988), pp. 823-847; *Scrivere nel Cinquecento: la norma e l'uso fra Italia e Spagna*, em *El Libro Antiguo Español. Actas del segundo Coloquio Internacional*, edição de María Luisa López Vidriero e Pedro M. Cátedra, Salamanca, Publicaciones de la Universidad de Salamanca; Biblioteca Nacional de Madrid; Sociedad Española de Historia del Libro, 1992, pp. 355-366; «*L'antiche e le moderne carte: imitatio e renovatio nella riforma grafica umanistica*», em *Renaissance-und Humanistenhandschriften*, Schriften des Historischen Kollegs Kolloquien 13, Oldenbourg, pp. 1-12.

¹⁴² *Scrivere a Roma nel seicento: chi, cosa, perché*, em *Italia linguistica: idee, storia, strutture*, Bolonha, il Mulino, 1983, pp. 241-245; além da edição *Scrittura e popolo nella Roma barocca (1585-1721)*, Roma, Quasar, 1982.

¹⁴³ *L'altra storia: le scritte murali*, em *Lavoro e cultura nella storia del movimento di lotta romani dal dopoguerra ad oggi*, Roma, Università degli Studi, 1984, pp. 17-37.

¹⁴⁴ *La scrittura di Francesco Petrarca*, Cidade do Vaticano, Biblioteca Apostolica Vaticana, 1967; *Libro e scrittura in Francesco Petrarca*, em *Libri, scrittura e pubblico*, pp. 3-20; *Notta sulla scrittura di Angela Mellini*, «QS», XIV (1979), pp. 640-643.

Renascimento e algum estudo sobre bibliotecas¹⁴⁵. À sua produção particular se acrescenta o labor que realizou como editor de algumas recopilações¹⁴⁶, organizador de congressos (Perúgia, Érice) ou responsável por revistas (*Scrittura e Civiltà*, *Notizie*, *Alfabetismo e cultura scritta*) e coleções editoriais (*Biblioteca di Scrittura e Civiltà*).

Attilio Bartoli Langeli foi junto a Petrucci um dos impulsionadores dos estudos sobre alfabetismo e cultura escrita na Itália, organizador do seminário de Perúgia e corresponsável pelas duas revistas nascidas como fruto desse mesmo projeto. Junto a essa faceta e sua intervenção na edição de algumas obras coletivas¹⁴⁷, seu labor científico se ocupou, por um lado, da reflexão sobre a Paleografia, a história da escritura e o alfabetismo qualitativo¹⁴⁸, e, por outro, do estudo do livro, a escritura e os processos de educação gráfica no Quatrocentos e Quinhentos (séculos XV e XVI), particularmente a partir da análise da matrícula da confraria do Santo Anello de Perúgia¹⁴⁹.

Guglielmo Cavallo, assim como grandes especialistas na paleografia grega, centrou suas áreas de estudo na problemática que envolve o livro e a escritura na Antiguidade tardia, o mundo bizantino e os séculos iniciais da

¹⁴⁵ *Alle origini del libro moderno. Libri da banco, libri da bisaccia, libretti da mano*, «Italia Medioevale e Umanistica», XII (1969), pp. 295-313, agora também em *Libri, scrittura e pubblico*, pp. 137-156; «La concezione cristiana del libro fra VI e VII secolo», em *Scrittura e libro nell'Italia altomedievale*, «SM», 3ª série, XIV (1973), pp. 961-984, agora em *Libri e lettori nel Medioevo. Guida storica e critica*, editado por Guglielmo Cavallo, Roma-Bari, Laterza, 1989 (edição original, 1977), pp. 3-26; *Il libro manoscritto*, em *Letteratura italiana*, II, *Produzione e consumo*, editado por A. Asor Rosa, Turim, Einaudi, 1983, pp. 519-622; *Typologie du livre et de la lecture dans l'Italie de la Renaissance: de Petrarque à Politien*, em *From Script to book. A Symposium*, edição Hans Bekker-Nielsen, Marianne Borch e Bengt Algot Sorensen, Odense, Odense University Press, 1983, pp. 127-139; *La descrizione del manoscritto. Storia, problemi, modelli*. Roma, La Nuova Italia Scientifica, 1984; *Lire au Moyen Âge*, «Mélanges de l'École Française de Rome/Moyen Âge-Temps Modernes», 96 (1984), pp. 603-616 [*La lectura en la Edad Media*, «Ilargi», I (1988), pp. 293-315]; *La scrittura del testo*, em *Letteratura italiana*, 4, *L'interpretazione*, editado por A. Asor Rosa, Turim, Einaudi, 1985, pp. 283-308 + 40 lâminas; *Introduzione: Per una nuova storia del libro*, em Lucien FEBVRE e H. J. MARTIN, *La nascita del libro*, Roma-Bari, Laterza, 1985, pp. VII-XLVIII; *Biblioteca, libri, scritture nella Napoli aragonese*, em *Le biblioteche nel mondo antico e medievale*, editado por Guglielmo Cavallo, Roma-Bari, Laterza, 1989 (2ª edição, edição original, 1988), pp. 187-202; *Dalla minuta al manoscritto d'autore*, em *Lo spazio letterario del Medioevo*, 1. *Il Medioevo latino*, direção G. Cavallo, Claudio Leonardi e Enrico Menestó, vol. I. *La produzione del testo*, tomo I, Roma, Salerno Editrice, 1992, pp. 353-372.

¹⁴⁶ *Libri, editori e pubblico nell'Europa Moderna. Guida storica e critica*, Bari, Laterza, 1977 (*Libros, editores y público en la Europa Moderna*, Valência, Institució Valenciana d'Estudis i Investigació: Edicions Alfons el Magnànim, 1990) e *Libri, scrittura e pubblico nel Rinascimento. Guida storica e critica*, Bari, Laterza, 1979.

¹⁴⁷ *Istruzione, scrittura, alfabetismo*.

¹⁴⁸ *Ancora su Paleografia e storia della scrittura: a proposito de un convegno perugino*, «SC», 2 (1978), pp. 275-294; *Storia dell'alfabetismo e storia della scrittura: Questioni di metodo*, em «Annali della Facoltà di Lettere e Filosofia. 2. Studi Storico-Antropologici», volume XXVI, nuova série, volumen XII (1988-1989), pp. 217-237, agora em *Storia dell'alfabetismo e metodo quantitativo*, «AEM», 21 (1991), pp. 347-367.

¹⁴⁹ *Scritture e città nel Quattrocento italiano. Le scritte collettive a Perugia*, em «Notizie», [4] (novembro 1982), pp. 4-9; *Culture grafiche e competenze testuali nel Quattro-Cinquecento italiano*, em «Annali della Facoltà di Lettere e Filosofia. 2. Studi Storico-Antropologici», volume XVIII, nuova série, volumen IV (1980-1981), pp. 75-87 e em *Retorica e classi sociali. Atti del IX Convegno Interuniversitario di Studi* (Bressanone, 1981), editado por M. A. Cortelazzo, Pádua, 1983, pp. 83-94; *Scrittura, libro, alfabetismo (e linguistica) nel Rinascimento italiano*, em «Schifanoia. Notizie dell'Istituto di Studi Rinascimentali di Ferrara», 2 (1986), pp. 96-100; *Storia dell'alfabetismo come storia degli scriventi: Gli usi della scrittura in Italia tra Medioevo ed Età Moderna*, Florença, Università: Departamenti di Storia, 1989, 23 páginas. (Lezioni/Strumenti; 1); *Scrittura e parentela. Autografia collettiva, scritture personali, rapporti familiari in una fonte italiana quattrocentesca*, Bréscia, Grafo, 1989 e com breves modificações em *Scrittura e parentela. Gli scriventi apparentati in una fonte italiana quattro-cinquecentesca*, em *Istruzione, alfabetismo, scrittura*, pp. 75-108 [Destes dois últimos trabalhos Antonio Castillo preparou uma resenha que constará em «AEM», 23 (1993)]; *Il libro manoscritto e a stampa*, em *L'italiano nelle regioni. Lingua nazionale e identità regionali*, editado por Francesco Brani, Turim, Utet, 1992, pp. 941-977.

Idade Média¹⁵⁰, além de sua responsabilidade como editor de outras publicações¹⁵¹, a direção compartilhada, com Petrucci e Pratesi, da revista *Scrittura e Civiltà* e a consequente *Biblioteca di Scrittura e Civiltà* ou seu labor como codiretor junto a J. O. Tjäder da *International School for the Study of Written Records* que organiza anualmente um curso em Érice (Itália) sobre as diversas problemáticas que afetam a história da cultura escrita.

Por último, não podemos deixar de citar outros autores que seguiram o caminho marcado pelos anteriores: Paola Supino Martini, cujas investigações se centram, entre outros temas de interesse, na escritura e no alfabetismo na Itália alto-medieval¹⁵²; Carlo Romeo que colaborou em diversos trabalhos sobre o mesmo período com Petrucci e também se interessou pela escritura dos servos na Roma barroca¹⁵³; Luisa Miglio, cujas inquietações versam sobre a escritura em vulgar e a produção escrita da época dos Medici, destacando-se ultimamente por sua aproximação à educação gráfica e à cultura e mentalidade subjacentes nas cartas das mulheres da família Medici¹⁵⁴; e Angela Frascadore, que, diferentemente dos anteriores, estuda o alfabetismo e a educação gráfica na Idade Moderna¹⁵⁵. Se a estes somamos outros que também se interessaram pela escritura e pelo alfabetismo – Marco Palma, Laura Antonucci, M. Galante ou Fabio Troncarelli¹⁵⁶ – e determinados eventos organizados especificamente por estudiosos da cultura escrita¹⁵⁷, constatamos uma rica e crescente produção científica que permitiu, por exemplo, a elaboração de uma interessante síntese sobre o papel da documentação escrita na estruturação política, religiosa, econômica ou cultural da Itália Medieval¹⁵⁸.

¹⁵⁰ *Ricerche sulla maiuscola biblica*, Florença, Le Monier, 1967; *Struttura e articolazione della minuscola beneventana libraria tra i secoli X-XII*, «SM», 3ª série, XI (1970), pp. 343-368; *Libro e pubblico alla fine del mondo antico*, em *Libri, editori e pubblico nel mondo antico. Guida storica e critica*, Roma-Bari, Laterza, 1984 (3ª edição revisada; 1ª edição 1975), pp. 81-132; e 149-162 (notas); *La produzione di manoscritti greci in Occidente tra età tardoantica e alto medioevo. Note ed ipotesi*, «SC», I (1977); *Aspetti della produzione libraria nell'Italia meridionale longobarda*, em *Libri e lettori nel Medioevo. Guida storica e critica*, editado por G. Cavallo, Roma-Bari, Laterza, 1989 (edição original 1977), pp. 99-129; *La tradizione scritta della cultura greca antica in Calabria e in Sicilia tra i secoli X-XV*. Consistenza, tipologia, fruizione, «SC», 4 (1980); *Libri greci e resistenza etnica in Terra d'Otranto*, em *Libri e lettori nel mondo bizantino. Guida storica e critica*, Roma-Bari, Laterza, 1982, pp. 155-178 e 223-227 (notas); *I rotoli di Ercolano come prodotti scritti. Quattro riflessioni*, «SC», 8 (1984); *La scrittura beneventana. Struttura grafica e ideologia politica*, em *Civiltà del Mezzogiorno. I principati longobardi*, Milão, 1982, pp. 159-166; *Libri e continuità della cultura antica in età barbarica*, em *Magistra Barbaritas*, editado por G. Pugliese Carratelli, Milão, Scheiwiller, 1987, pp. 603-622; *Dallo «scriptorium» senza biblioteca alla biblioteca senza «scriptorium»*, em *Dall'eremo al cenobio*. Milão, Scheiwiller, 1987, pp. 329-422; *Scuola, scriptorium, biblioteca a Cesarea*, em *Le biblioteche nel mondo antico e medievale*, pp. 65-78; e em colaboração com F. MAGISTRALE, *Libri e scritture del diritto nell'età di Giustiniano*, em *Il mondo del diritto nell'epoca giustiniana. Caratteri e problematiche*, Ravenna, 1985, pp. 43-58.

¹⁵¹ As citadas em *Lo spazio letterario del Medioevo*, *Libri e lettori nel Medioevo*, *Le biblioteche nel mondo antico e medievale*, *Libri e lettori nel mondo bizantino*, *Libri, editori e pubblico nel mondo antico e Scritture, libri e testi nelle aree provinciali di Bisanzio*, Atti del seminario di Érice (18-24 setembro 1988), editado por G. Cavallo, G. De Gregorio e Marilena Maniaci, Centro Italiano di studi sull'Alto Medioevo, Espoleto 1991.

¹⁵² *Per lo studio delle scritture altomedievali ilaliane: la collezione canonica chietina (Vat. Reg. lat. 1997)*, «SC», I (1977); *Materiali ed ipotesi per una storia della cultura scritta nella Roma del IX secolo*, «SC», 2 (1978), em colaboração com A. PETRUCCI; *Roma e l'area grafica romana (secoli X-XII)*, Alessandria, Edizioni dell'Orso, 1987; *La scrittura delle Scritture*, «SC», 12 (1988); *Analfabetismo e sottoscrizioni testimoniali al documento privato dell'Italia centrale (sec. VIII)*, em *Escribir y leer en Occidente*, inédito.

¹⁵³ «*Scriptores in urbibus*»; *Sottoscrizioni autografe e alfabetismo a Roma fra X e XI secolo*, «Notizie», [1] (março 1980), pp. 5-8; *Servi e scrittura: Scandagli nella Roma barocca*, em *Sulle vie della scrittura*, pp. 619-627.

¹⁵⁴ *Considerazioni ed ipotesi sul libro «borghese» italiano del Trecento*, «SC», 3 (1979); *L'avventura grafica di Jacopo Cocchi-Donati, funzionario medico e copista (1411-1479)*, «SC», 6 (1982); *L'altra metà della scrittura: scrivere il volgare (all'origine delle corsive mercantili)*, «SC», 10 (1986); *Scrivere al femminile*, em *Escribir y leer en Occidente*, inédito.

¹⁵⁵ *Un'indagine su alfabetismo e cultura scritta: San Pietro in Galatina alla fine del 500*, em «SC», 5 (1981), pp. 199-229; *Livelli di alfabetizzazione e cultura grafica a Lecce intorno alla metà del XVII secolo (1640-1659)*, em *Istruzione, alfabetismo, scrittura*, pp. 109-148 e em *Sulle vie della scrittura*, pp. 177-226; *Donne e scrittura a Lecce nel XVIII secolo*, «ACS», nuova série, 2 (1989), pp. 31-45.

¹⁵⁶ Seus trabalhos estão publicados em «SC». Ademais conferir de Fabio TRONCARELLI. *Boethiana Aetas. Modelli grafici e fortuna manoscritta della «Consolatio Philosophiae» tra IX e XII secolo*, Alessandria, Edizioni dell'Orso, 1987.

¹⁵⁷ Aos já citados acrescentamos *Scrittura, alfabetismo e produzione documentaria nell'Italia meridionale (secoli XI-XIV)*, Carini 21-26 de outubro de 1985, organizado pela Officina di Studi Medievali de Palermo [Resenha de Claudia Oliva em «Schede Medievali», 10 (1986), pp. 263-267]; os cursos anuais da «International School for the Study of Written Records» – Ettore Majorana Centre for Scientific Culture em Érice (Sicília) –, especialmente o 2º, dedicado ao tema «*Writing and reading: models and applications in modern Europe (16th-18th centuries)*», celebrado de 17 a 22 de setembro de 1989; ou *Civiltà comunale: libro, scrittura, documento*, Atti del Convegno (Gênova, 8-11 novembro 1988), Gênova, Società Ligure di Storia Patria, 1989.

¹⁵⁸ Nos referimos à obra de Paolo CAMMAROSANO. *Italia Medievale. Struttura e geografia delle fonti scritte*, Roma, La Nuova Italia Scientifica, 1991, da qual em março de 1992, cinco meses depois da primeira edição, apareceu uma reimpressão. Deste mesmo autor pode-se conferir *Tradizione documentaria e storia cittadina. Introduzione al «Caleffo Vecchio» del Comune di Siena*, Siena, Accademia Senese degli intronati, 1988.

O outro grande mérito da renovação paleográfica italiana, à parte da indiscutível contribuição a um conhecimento mais profundo e variado da história da cultura escrita naquele país, foi sua capacidade de exportação a outros âmbitos acadêmicos e científicos, principalmente Espanha.

Sua entrada e difusão entre nós se produziu, prosseguindo a tradicional vinculação hispano-italiana, pelo Levante, terras da outrora Coroa de Aragão, cujos barcos cruzaram o Mediterrâneo, aportaram em Sardenha e culminaram suas empresas no reino de Nápoles. Foi José Trenchs Odena, a quem serve de homenagem este primeiro número de *Signo*, quem, depois de sua estadia em Roma como discípulo de Emilio Sáez, manteve a fertilidade desse contato, animou aos seus próprios discípulos nessa direção e soube fazer dos *Cursos Internacionais Bennassal-Castellò* um foro adequado para o intercâmbio de experiências e a abertura metodológica das disciplinas relacionadas com a cultura escrita. Sob sua direção se elaboraram as primeiras teses doutorais e memórias de licenciatura sobre a inter-relação entre a escritura e o alfabetismo na sociedade medieval e renascentista, centrados no espaço valenciano.

Francisco M. Gimeno Blay é, sem lugar a dúvidas, o primeiro e principal representante espanhol dessa linha de investigação. Estreou nela com sua tese de doutorado sobre o alfabetismo e a cultura escrita no Alto Palancia no final do século XIV e primeira metade do XV¹⁵⁹. Depois publicou uma variada gama de trabalhos e se ocupou da relação entre a escritura e a hierarquização social dos cartuxos, de certas reflexões sobre a escritura a partir das mostras expostas e reproduzidas em uma exposição, da escritura delegada e da relação dos analfabetos com a administração, dos rastros de *graffiti* nas crônicas valencianas do século XVII, da edição do diário do mercador Pere Soriol, até a data o primeiro exemplo espanhol de um *libro di ricordanze*, o analfabetismo feminino na Valência do século XVI a partir dos alvarás das amas do Hospital Geral de Valência, das relações entre a escritura e a imagem na pintura medieval ou a escritura da coleção epigráfica de Valência, sem esquecer, obviamente, sua síntese sobre a evolução da Paleografia na Espanha, o livro e as bibliotecas na Coroa de Aragão durante o século XVI (em colaboração com José Trenchs) ou as maneiras de aprender a escrever na Baixa Idade Média e no Renascimento¹⁶⁰.

Junto a F. M. Gimeno, a outra pessoa que pelo momento mais atenção prestou à corrente do alfabetismo e cultura escrita foi M^a Luz Mandingorra Llavata. Suas investigações se centraram no uso da escritura na administração municipal, na análise da introdução e difusão da humanística em Valência, a cultura gráfica de um grupo socioprofissional concreto – os boticários valencianos –, o fenômeno global da leitura e o livro na Valência do século XIV, a publicação do inventário da biblioteca do jurista Juan Fernández de Porto e mais recentemente os usos privados da escrita¹⁶¹.

Outros investigadores, a maioria deles saídos do Departamento de Paleografia e Diplomática da Universidad de Valencia, também se interessaram pelas novas propostas metodológicas, uns com maior

¹⁵⁹ *La escritura en la diócesis de Segorbe. Una aproximación al estudio del alfabetismo y la cultura escrita en el Alto Palancia (1383-1458)*, dirigida por José Trenchs Odena e lida na Universidad de Valencia em junho de 1985. O capítulo central da mesma, muito ampliado e matizado e com o acréscimo de lâminas, transcrições e comentários das mesmas, foi publicado com o título *La escritura gótica en el País valenciano después de la conquista del siglo XIII*, Valência, Universidad de Valencia: Departamento de Paleografía y Diplomática, 1985. A defesa da mesma também foi editada, com o próprio título da tese, no «Boletín del Centro de Estudios del Alto Palancia», 1-2 (1984), pp. 49-60.

¹⁶⁰ *La escritura en la Cartuja (Análisis diacrónico a través de las Constituciones)*, «Saitabi», XXXIII (1984), pp. 5-17; *Escritura. Palabra e imagen (Reflexiones sobre la cultura escrita reproducida)*, «Anales de la Universidad de Alicante. Historia Medieval», 4-5 (1986), pp. 359-378; *Gli alfabeti e l'amministrazione: note sui loro rapporti attraverso la scrittura*, «Notizie», [7] (março 1986), pp. 10-14; *Del negocio y del amor: el diario del mercader Pere Soriol (1371)*, «Saitabi», XXXVI (1986), em colaboração com María Teresa Palasí Fas; *Los testimonios cronísticos del uso de las escrituras populares - escrituras criminales en la Valencia del siglo XVII*, em colaboração com Vicente J. ESCARTÍ, e *Scriptura, símbolos e imatges de la comunicació urbana*, ambos em «ACS», 1 (1988), pp. 23-28 e 67-70; *Analfabetismo e alfabetización femeninos en la Valencia del Quinientos*, em *Writing and Reading*, inédito; *Materiales para el estudio de las escrituras de aparato bajomedieval. La colección epigráfica de Valencia*, em *EPIGRAPHIK1988. Fachtagung für mittelalterliche und neuzeitliche Epigraphik* (Graz, 1988), Wien, 1990, pp. 195-215; *De scripturis in picturis*, «Fragmentos. Revista de Historia del Arte», 17-19 (1991), pp. 176-183; *Libro y bibliotecas en la corona de Aragón (siglo XVI)*, em *El Libro Antiguo Español*, II, pp. 207-239, em colaboração com José TRENCHS ODENA; *Aprender a escribir en la Península Ibérica: De la Edad Media al Renacimiento*, em *Escribir y leer en Occidente*, 1993, inédito.

¹⁶¹ *La escritura al servicio de la Administración municipal. La acumulación gráfica en los hospitales valencianos (1400-1509)*, Valência, 1985, memória de licenciatura inédita; *La escritura humanística en Valencia. Su introducción y difusión en el siglo XV*, Valência, Universitat de Valencia, 1986 [Parte retirada de «Estudis Castellonencs», 3 (1986)]; *Aproximación a la cultura gráfica de los boticarios a finales de la Edad Media*, «Saitabi», XXXVI (1986); *Juan Fernández de Porto y su biblioteca jurídica (1383)*, «Saitabi», 38 (1988), pp. 63-87; *Leer en la Valencia del Trescientos. El libro y la lectura en Valencia a través de la documentación notarial (1300-1410)*, Valência, 1990, 2 volumes, tese doutoral inédita; *El libro y la lectura en Valencia (1300-1410). Notas para su estudio*, «AEM», 21 (1991), pp. 549-569; *Usos privados de la escritura en la Baja Edad Media. Secuencias espacio-temporales y contextos de uso*, em *Las diferentes historias*, pp. 57-88.

frequência, outros de maneira ocasional e alguns no começo de uma carreira investigadora que logo tomou rumos distintos. Estamos nos referindo fundamentalmente a José V. Boscá Codina, quem estudou algumas mostras de aprendizagem da escritura na Valência do século XV e recentemente glosou brevemente a perspectiva interdisciplinar dos estudos sobre escritura e leitura na história a propósito do curso *Escribir y leer en Occidente* (Valência, junho 1993)¹⁶²; Virginia M. Cuñat-Ciscar, que acaba de publicar um trabalho sobre a escritura e a imprensa¹⁶³; Juan Vicente García Marsilla se ocupou da figura do *archiver* e o controle da escritura no Hospital Geral de Valência no fim do século XVI e princípio do XVII, ainda que posteriormente se orientou mais pelo caminho da história medieval¹⁶⁴; María del Rosario Ferrer Gimeno optou por estudar a leitura em Valência no período posterior ao tratado por M^a Luz Mandingorra¹⁶⁵; M^a Gloria Ródenas Martínez e Susana M^a Vicent Colonques insistiram na tese de Gimeno sobre o analfabetismo feminino das amas no século XVI¹⁶⁶; Robert Cuenca analisou os testemunhos escritos de um mourisco valenciano do século XVI¹⁶⁷; e Vicente Josep Escartí, do Departamento de Filologia, se aproximou ao fenômeno dos *graffiti* recolhidos em Algemesi (Valência) em maio de 1987¹⁶⁸.

Dito isto, seríamos injustos se não tivéssemos em conta a projeção de idênticas inquietações fora do âmbito levantino. Em Granada, Amparo Moreno Trujillo, M^a José Osorio Pérez e Juan de la Obra Sierra trataram a cultura escrita de Granada no século XVI¹⁶⁹. No entorno de Madri – Universidad Complutense de Madrid e Universidad de Alcalá de Henares – diversas pessoas estão trabalhando nessa direção. Concepción Mendo Carmona fez da escritura da documentação da Catedral de Leão no século X o argumento de sua tese doutoral¹⁷⁰; Luis Casado Otaola analisou a documentação do mosteiro de Sahagún no século XI em função da dialética oralidade/literalidade e recentemente se interessou pela gênese documental e suas consequências na especialização escriturária do clero¹⁷¹; María del Val González de la Peña dedicou sua memória de licenciatura ao estudo das subscrições autógrafas das cartas de profissão das freiras do convento de Alcalá de Henares das Bernardas no século XVII¹⁷² e agora amplia a cronologia do estudo na tese doutoral; Antonio Castillo Gómez começou a se interessar pelo estudo do alfabetismo e da cultura escrita em consequência de sua dupla estadia no *Istituto di Paleografia* da Universidade «La Sapienza» de Roma em 1989 e 1990, sendo seus primeiros frutos esta e outra síntese teórica e metodológica sobre o diálogo Paleografia-História, um artigo sobre a tipologia e função dos livros das igrejas rurais do Campo de Calatrava no final do século XV, um trabalho inédito sobre os usos públicos e privados da escritura na Baixa Idade Média, diversas resenhas bibliográficas e a tese doutoral atualmente em curso de realização dedicada aos usos da escritura em Alcalá de Henares no trânsito do século XV ao XVI¹⁷³. Em Barcelona, Josep Antoni Iglesias prepara a tese doutoral sobre os livros e a leitura em dita cidade durante o século

¹⁶² *Ejercicios de escritura en la Valencia medieval (siglo XV)*, «Historia de la Educación», 9 (1990), pp. 303-310 e «Captar lo que una sociedad entera escribe o lee».

¹⁶³ *Escritura e imprenta. Consideraciones sobre la escritura mecánica y los letrados-analfabetos*, em *Las diferentes historias*, pp. 169-184.

¹⁶⁴ *La administración hospitalaria y el control de la escritura. La figura del archiver*, «ACS», nuova serie, 2 (1989), pp. 25-30.

¹⁶⁵ *La lectura en Valencia (1416-1474). Una aproximación histórica*, defendida na Universidad de Valencia em julho de 1993, inédita.

¹⁶⁶ *La cultura escrita y la mujer: modelos de participación y exclusión en la vida pública*, em *La voz del silencio*. I, pp. 17-31.

¹⁶⁷ *De la lengua de Alá a la lengua de Dios: la aculturación de un morisco valenciano*, em *Las diferentes historias*, pp. 147-160.

¹⁶⁸ *De l'us atemptatori de l'escritura*, «Saitabi», XXXIX (1989), pp. 133-143.

¹⁶⁹ *Firmas de mujeres y alfabetismo en Granada (1505-1550)*, «Cuadernos de Estudios Medievales y Ciencias y Técnicas Historiográficas», XVI (1991), pp. 99-124. De A. MORENO TRUJILLO e J. de la OBRA, *Aproximación a la cultura escrita de Granada a comienzos del siglo XVI*, em *El Libro Antiguo Español*, II, pp. 339-353.

¹⁷⁰ *La escritura como vehículo de cultura en el reino de León (Siglos IX-X)*, dirigida por Carlos Sáez e María Isabel Pérez de Tudela y Velasco, defendida na Universidad Complutense de Madrid em fevereiro de 1994, especialmente o capítulo IV: «Análisis de la escritura de los documentos: formación gráfica de los escribas leoneses». Conferir também *Cuatro escribas leoneses en el siglo X*, em *Las diferentes historias*, pp. 27-38.

¹⁷¹ *Oralidad y literalidad a través de las fuentes monásticas del s. XI (Estudio a partir del fondo de Sahagún)*, Trabalho de doutorado, Universidad Complutense de Madrid, maio 1991, inédito e *Petrus presbiter: génesis documental y consecuencias sociales de la especialización escrituraria del clero*, em *Las diferentes historias*, pp. 107-114. Agradecemos ao autor pelo obséquio de nos conceder uma cópia do trabalho de doutorado e desde já o animamos a continuar reflexões tão interessantes, algo incomum no panorama paleográfico espanhol.

¹⁷² *Las cartas de profesión del convento de Bernardas de Alcalá de Henares (s. XVII)*, Universidad de Alcalá de Henares, 1992.

¹⁷³ *La escritura en el pasado. Historia y Paleografía: Razones para el diálogo científico*. Comunicação apresentada no *Congreso Internacional «A historia a debate»*, ocorrido em Santiago de Compostela de 7 a 11 de julho de 1993; «*In nomine Patris*». *Libro e Iglesia en el mundo rural a finales del siglo XV. Notas para su estudio*, em *Las diferentes historias de letrados y analfabetos*, pp. 89-106; *Uso público y privado de la escritura en la Baja Edad Media*, conferência proferida no curso/simpósio *Las diferentes historias de letrados y analfabetos*, que permanece inédita e em cuja revisão e ampliação está trabalhando, visando publicações posteriores; Resenhas das revistas *Notizie* e *ACS* no «Boletín de la ANABAD», XL/2-3 (1990), pp. 269-271 e sobre obras de Petrucci e Bartoli Langelí neste número de «Signo» e em «AEM», 23 (1993).

XV a partir dos inventários e testamentos de clérigos, médicos, juristas e outros cidadãos, e recentemente nos ofereceu uma mostra de suas inquietações¹⁷⁴.

Epílogo: Paleografia e História Social da Escritura

A trajetória historiográfica que com certa prolixidade tratamos de expor nestas páginas nos situa diante de uma realidade científica substancialmente distinta e prometedora.

A Paleografia, até não há muito afastada e separada das correntes historiográficas mais vivas¹⁷⁵, se introduz, juntamente com uma metodologia mais aberta e dinâmica, no caminho da complexa, mas fértil, renovação da história e das ciências sociais.

Ao ser considerada como uma fonte histórica em si e por si mesma, através da qual se refletem as diferenças, disfunções e marginações existentes em outras parcelas da sociedade¹⁷⁶, o estudo da escritura se converte em uma aventura apaixonante que trata de reconstruir em que medida este concreto instrumento de comunicação serviu à ordenação e estruturação da sociedade¹⁷⁷ ou foi utilizado como um «meio de expressão e de comunicação dos grupos privilegiados e um veículo transmissor e consolidador de sua ideologia»¹⁷⁸. A partir desta posição, a escritura atua como instrumento reprodutor da discriminação social, comparável ao que o moleiro friulano Menocchio atribuía ao latim no começo do século XVI:

Yo soy de la opinión que hablar latín es un desacato a los pobres, ya que en los litigios los hombres pobres no entienden lo que se dice y se hallan aplastados, y si quieren decir dos palabras tienen que tener un abogado^{179/180/181}.

Em síntese, a história social da escritura nos chega através de uma lente bifocal que tem em uma de suas caras o uso da escritura como instrumento de poder e na outra as marcas do acesso privado à habilidade de escrever por parte das classes populares. Dito de outro modo, trata-se de analisar esses dois ângulos da *função e difusão social da escritura*, aos que reiteradamente se referiu Petrucci¹⁸².

Isso se parte de uma nova conceitualização da escritura que a define como algo mais que um conjunto de signos gráficos e a transforma, no contexto da alfabetização, em uma das «infraestruturas» utilizadas para a difusão do poder social¹⁸³.

A concepção de escritura como instrumento do poder e expressão da mesma estrutura social é paralela à tese de Foucault sobre o *documento / monumento*, tão oposta à matéria inerte dos positivistas^{184/185}. Sob essa perspectiva, o documento/a escritura são estudados como um «produto da sociedade, que os fabricou segundo as relações de força que nela detinham o poder. É, por dizê-lo com outras palavras, o produto de uma certa

¹⁷⁴ *El clero catalán y la lectura en época bajomedieval*, em *Las diferentes historias de letrados y analfabetos*, pp. 135-146.

¹⁷⁵ A. BARTOLI, *Intervenía di apertura*, p. 24.

¹⁷⁶ F. M. GIMENO BLAY, *La escritura en la diócesis de Segorbe...*, «Boletín del Centro de Estudios del Alto Palancia», 1-2 (1984), [p. 5].

¹⁷⁷ *Ibidem*, [p. 3].

¹⁷⁸ Miguel RODRÍGUEZ LLOPIS, *La escritura y el poder. Emisión de documentos en la sociedad murciana bajomedieval*, «Áreas. Revista de Ciencias Sociales», 9 (1988), p. 11.

¹⁷⁹ *El queso y los gusanos. El cosmos, según un molinero del siglo XVI*, Barcelona, Muchnik, 1986 (edição original em italiano, 1976), p. 42.

¹⁸⁰ [NT] Edição brasileira: *O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. Tradução: Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

¹⁸¹ [NT] Tradução: "Eu sou da opinião de que falar latim é um desacato aos pobres, já que nos litígios os homens pobres não entendem o que se diz e se encontram humilhados, e se querem dizer duas palavras têm de ter um advogado".

¹⁸² *Per la storia dell'alfabetismo*, pp. 33-34.

¹⁸³ Michael MANN. *Las fuentes del poder social, I. Una historia del poder desde los comienzos hasta 1760 d.C.*, Madri, Alianza Editorial, 1991 (edição original em inglês, 1986).

¹⁸⁴ Michael FOUCAULT. *La arqueología del saber*, México, Siglo XXI, 1985 (edição original em francês, 1969), pp. 9-11. Conferir também Jorge LOZANO. *El discurso histórico*, Madri, Alianza Editorial, 1987, pp. 85-86, onde consta uma valorização das teorias de Foucault. A visão positivista teve sua plasmação mais evidente na teoria diplomática de Luigi SCHIAPARELLI. *Diplomatica e storia*, Florença, 1909, agora em IDEM. *Note di diplomatica (1896-1934)*, editado por A. Pratesi, Turim, Bottega d'Erasmus, 1972, pp. 95-125, especialmente p. 101.

¹⁸⁵ [NT] Edição brasileira: *A arqueologia do saber*. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 3ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

orientação da história»¹⁸⁶. Palavras similares às que emprega Jacques Le Goff quando define o documento não somente como consequência de uma situação histórica dada, mas, sobretudo, enquanto produto orientado da mesma, isto é, «resultado do esforço feito pelas sociedades históricas para impor ao futuro – querendo ou não – uma imagem de si mesmas»¹⁸⁷. Por dizê-lo também com a voz de Roger Chartier, os «materiais-documentos obedecem a procedimentos de construção nos quais se empregam conceitos e obsessões de seus produtores e onde se marcam as regras da escritura particulares ao gênero que sinaliza o texto»¹⁸⁸.

Assumindo ditas virtualidades do documento e da escritura, a Paleografia, mas igualmente outras disciplinas afins (Codicologia, Diplomática, Epigrafia, etc.), se reencontram com a História, não a partir da posição excludente de ciência auxiliar, que teve durante vários séculos, mas com base na independência que proporciona o desenvolvimento de uns objetivos e métodos diferentes e sob o compromisso do diálogo interdisciplinar que deve caracterizar todo labor científico e em concreto os estudos sobre a história da cultura escrita ou das alfabetizações na história.

Nesse contexto, a contribuição da Paleografia se faz especialmente valiosa naqueles períodos da história para os que não existem fontes suscetíveis de uma redução quantitativa e em geral em toda aproximação à alfabetização que se ocupe mais das funções e usos da escrita ou dos níveis de educação gráfica¹⁸⁹. Portanto, trata-se de prestar mais atenção às interpretações qualitativas¹⁹⁰ do que à elaboração de tabelas numéricas sobre a quantidade de alfabetizados e analfabetos, necessárias, mas limitadas, salvo que se pense com François Furet que a reintegração das classes populares na história só é possível mediante «o estudo quantitativo da sociedade do passado», o que seria tanto como condená-las ao silêncio, segundo afirmou Carlo Ginzburg¹⁹¹.

A questão, bem argumentada por Attilio Bartoli, está em saber se se persegue exclusivamente o alfabetismo estatístico ou burocrático, aquele que reduz a história ao branco e negro, à oposição entre quem sabia assinar e aqueles que não sabiam, ou, pelo contrário, se pretende um conhecimento do alfabetismo em todo seu gradualismo e complexidade. Nessa perspectiva, o alfabetismo qualitativo incide mais no status social dos alfabetizados, as funções atribuídas aos produtos escritos, a mediação gráfica, as práticas e usos da escritura e da leitura, a relação entre a competência ativa (escrever) e passiva (ler) do alfabetismo ou a natureza das leituras e dos testemunhos escritos.

Per le epoche prestatistiche l'alfabetismo non è affallo un oggetto inconoscibile. Non lo si può misurare in assoluto, ma se ne può valutare il senso e la qualità, mediante strumenti interpretativi necessariamente diversi da quelli statistici ma non per questo più poveri o impressionistici. Nel lavoro storico sull'alfabetismo antico e medievale **l'handicap** (apparente) delle fonti si è rivelato un vantaggio, capace di influenzare positivamente le stesse ricerche quantitative e lo stesso concetto storiografico di alfabetismo^{192/193}.

¹⁸⁶ Jorge LOZANO. *El discurso histórico*, p. 86.

¹⁸⁷ Jacques LE GOFF, *Documento/Monumento*, «Iargi», II (1989), p. 126. Conferir também suas declarações a Francesco MAIELLO. *Jacques Le Goff. Entrevista sobre la historia*. Valência, Institució Valenciana d'Estudis i Investigació: Edicions Alfons el Magnànim, 1988, p. 83. Também Armando PETRUCCI. *Medioevo da leggere*, p. 197.

¹⁸⁸ R. CHARTIER, *Historia intelectual*, em *El mundo como representación*, p. 40-41.

¹⁸⁹ A esse respeito conferir, por um lado, a clássica distinção entre escritura normal, usual e elementar com base em A. PETRUCCI, *Libro, scrittura e scuola*, pp. 313-337, *Per la storia dell'alfabetismo*, pp. 35-36 e *Breve storia della scrittura latina*, p. 24; por outro, a qualificação da assinatura, com níveis de 1 a 5 – Soubeyroux – ou 1 a 4 – o restante –, introduzida nas obras de J. SOUBEYROUX, *Niveles de alfabetización en la España del siglo XVIII*, pp. 159-172; M-Ch. RODRÍGUEZ e B. BENNASSAR, *Signatures et niveau culturel*, pp. 17-46; A. VIÑAO FRAGO, *La historia de la alfabetización*, pp. 31-55; e P.L. MORENO MARTÍNEZ, *Alfabetización y cultura impresa*.

¹⁹⁰ «E'infatti il più fine strumento interpretativo che la paleografia è in grado di prestare all'analisi di quell'alfabetismo al plurale che dicevamo: la paleografia, beninteso, nella sua accezione tecnica e più nella sua qualità storiografica.», em Attilio BARTOLI LANGELI, *Storia dell'alfabetismo e metodo quantitativo*, p. 361. Sobre esta questão resulta também muito sugestivo o artigo de A. PETRUCCI, *Prospettive di ricerca*, pp. 21-37. [NT] Tradução: «Na verdade, é a melhor ferramenta interpretativa que paleografia é capaz de emprestar à análise da alfabetização ao plural dissemos: a paleografia, claro, em seu sentido técnico e na sua qualidade historiográfica», em Attilio BARTOLI LANGELI, *Storia dell'alfabetismo e metodo quantitativo*, p. 361.

¹⁹¹ *El queso y los gusanos*, p. 22. O trabalho de F. FURET ao qual se refere o autor é *Pour une définition des classes inférieures à l'époque moderne*, «Annales», XVIII (1963), pp. 459-474, especialmente a p. 479.

¹⁹² Attilio BARTOLI, *Storia dell'alfabetismo e metodo quantitativo*, p. 357.

¹⁹³ [NT] Tradução: Para as épocas pré-estatísticas a alfabetização não é um objeto muito desconhecido. Ele não pode ser medido em termos absolutos, mas se pode avaliar o sentido e a qualidade, através de ferramentas interpretativas necessariamente diferentes daquelas estatísticas, mas nem por isso mais pobres ou impressionísticas. No trabalho histórico sobre a alfabetização antiga e medieval a deficiência (aparente) das fontes se mostrou como uma vantagem, capaz de influenciar positivamente as mesmas pesquisas quantitativas e o mesmo conceito historiográfico de alfabetização.

A partir destas posições, a contribuição paleográfica ao estudo qualitativo dos testemunhos escritos, ainda que «*rovescia el método tradicional*» como disse Petrucci, não se pode considerar uma adulteração dos princípios científicos da Paleografia, salvo que se pretenda manter a esta isolada da evolução científica. A aproximação à história social que implica a metodologia de Petrucci, de evidente ascendência marxista e tão criticada por E. Cau e de forma mais matizada por Pratesi¹⁹⁴, não degrada a Paleografia nem perverte sua trajetória científica. Pelo contrário, reforça seu status de ciência da escritura¹⁹⁵, a enriquece e eleva à categoria das ciências históricas, consolidando-a em seu caráter de disciplina autônoma e necessária para a compreensão do passado humano no horizonte da globalidade e mediante o útil instrumentalismo da interdisciplinaridade¹⁹⁶.

Em conclusão, a Paleografia, mediante o estudo da escritura no marco da sociedade que a produz, o que constitui o campo de estudo da história social da escritura, reorienta seu método de trabalho e suas pretensões científicas; substitui seu velho interesse pela escritura das classes dominantes, produto também da procedência social daqueles que se ocuparam da Paleografia até princípios deste século¹⁹⁷, para se ocupar de detectar os rastros escritos das classes populares.

Uma renovação que não deve ser vista como tábua de salvação de um saber ancorado no eruditismo reducionista, mas como o reencontro com sua própria finalidade científica e a plena integração no campo da ciência histórica, e, através desta, no mundo contemporâneo.

Perseverando su questa impostazione la paleografia perderà i connotati, che spesso ancora mostra, di arida disciplina nozionistica, astratta dal reale contesto culturale, e, anzi, favorirà una ricomposizione del tessuto dell'antichità e del Medioevo, in cui la scrittura si riapproprierà del suo ruolo storico, definendosi, a seconda dei casi, come espressione dirompente di nuove forze sociali o quale ultimo baluardo di vecchie strutture politiche. Solo così anche il paleografo troverà una ridefinizione, complessa ma organicamente fondata, del proprio modo di essere nella società contemporanea: ricomponendo, contro la frammentazione crociana, l'unità del processo storico^{198/199}.

¹⁹⁴ Os dados referentes à polêmica suscitada pela tese de Petrucci e as oportunas referências bibliográficas em Paola SUPINO MARTINI, *La Paleografia latina in Italia da Giorgio*, pp. 71-72, notas 141 e 142. Em geral, nas páginas 64-76 a autora estuda a figura de Petrucci e sua contribuição à Paleografia.

¹⁹⁵ Servem neste sentido as precisas palavras com as quais Gimeno Blay interveio a propósito dos novos horizontes abertos à Paleografia: «Nós pensamos que se é competência desta ciência, a Paleografia, a resolução de todos os problemas resultantes da existência e utilização da escritura em uma sociedade, pois desde seu próprio nascimento têm sido seu objeto de estudo as formas gráficas; portanto, não acreditamos que deva passar sua competência a outras parcelas históricas, porque a Paleografia, como disciplina técnica, já desenvolveu um determinado nível de análises e em consequência um aparato conceptual e categórico apto para a compreensão da evolução das formas gráficas», em F. M. GIMENO BLAY, *La escritura en la diócesis de Segorbe*, p. [5].

¹⁹⁶ «...perchè la storia, cioè la vita, non si può dividere per compartimenti stagni. Nella storia, appena un problema è alquanto complesso, non basta più a risolverlo un'unica disciplina, ma ci si riesce soltanto, quando ci si riesce, assaltandolo da tutte le parti, con tutte le discipline, con i mezzi peculiari di ciascuna di esse. E le discipline si distinguono tra loro non tanto per differenza di oggetto, quanto per diversità di metodo: l'oggetto, insomma, rimane sempre l'uomo», Giorgio PASQUALI, *Paleografia quale scienza dello spirito*, em *Pagine stravaganti*, 1931. Conferir Vittorio DE DONATO, *Paleografia e storia*, «Quaderni Medievali», 1 (1978), p. 89. [NT] Tradução: «...porque a história, isto é, a vida, não se pode dividir em compartimentos estanques. Na história, surgem problemas que são bastante complexos, e não é suficiente uma única disciplina para resolvê-los, e quando eles surgem em larga escala, ocupando todos os espaços, temos que lançar mão de todas as disciplinas possíveis, com os meios peculiares de cada uma delas. E as disciplinas se diferenciam entre elas não pela diversidade do objeto, mas pela diversidade de método: o objeto, em resumo, continua sendo o homem», Giorgio PASQUALI, *Paleografia quale scienza dello spirito*, em *Pagine stravaganti*, 1931.

¹⁹⁷ «O interesse e finalidade com que se concebiam os estudos paleográfico-diplomáticos desde o século XII até princípios do XX foi o que condicionou o método: observação minuciosa, e o que levou a algumas pessoas a considerá-lo com os qualificativos de *classista* e *auxiliar* nos melhores dos casos. Seu conteúdo classista era lógico porque apenas estudava uma parte da produção escrita: a das classes dominantes das sociedades do passado, e ao mesmo tempo era cultivada por membros dessa classe, como mais adiante teremos ocasião de examinar ao tratar dos paleógrafos dos séculos XVIII e XIX», em F. M. GIMENO BLAY, *Las llamadas ciencias auxiliares de la Historia*, p. 32.

¹⁹⁸ Vittorio DE DONATO, *Paleografia e storia*, pp. 92-93.

¹⁹⁹ [NT] Tradução: Perseverando sobre esta configuração, a paleografia perderá as conotações, que muitas vezes ainda mostra, da árida disciplina nocional, a abstração a partir do real contexto cultural, e, de fato, favorecerá uma reconfiguração do tecido da Antiguidade e da Idade Média, em que a escrita reapropriar-se-á de seu papel histórico, chamando a si mesmo, se for caso disso, como a expressão perturbadora de novas forças sociais, ou como o último bastião das velhas estruturas políticas. Só assim também o paleógrafo encontrará uma redefinição, complexa, mas organicamente fundada, do seu próprio modo de ser na sociedade contemporânea: recompondo, contra a fragmentação crociana, a unidade do processo histórico.